

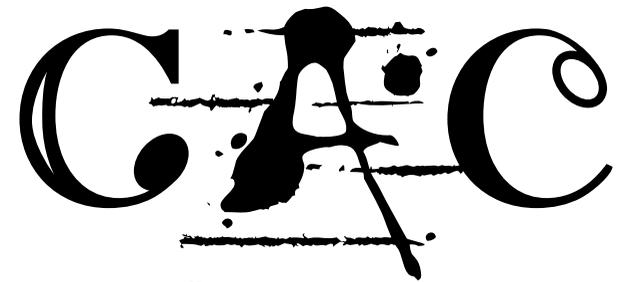
VOLVO

APRESENTA



*Camerata Antigua
de Curitiba*

TEMPORADA 2011



Camerata
Antiqua
de Curitiba

Trinta e sete concertos. Trinta e sete oportunidades para apreciar a boa música erudita de todos os lugares do mundo, executada com maestria pela Camerata Antiqua de Curitiba na temporada 2011.

Na programação, grandes obras vocais e instrumentais.

No palco, solistas e regentes convidados apresentam obras de grandes mestres, como Mozart, Brahms, Handel, Beethoven, Verdi, Tchaikovsky, Vivaldi, Bach, entremeadas com as de consagrados artistas contemporâneos, mostrando a versatilidade do grupo.

O repertório contempla também obras inéditas, que mais uma vez estreiam sob acordes e vozes da Camerata Antiqua e a brilhante batuta do maestro Wagner Polistchuk, diretor artístico.

Para a Fundação Cultural de Curitiba, este é um projeto que insere a cidade em roteiro internacional, resultado de um trabalho realizado com patrocínio da empresa Volvo, que evidencia para o Brasil e o mundo a música erudita com excelência, consolidando o espaço de destaque conquistado pela Camerata Antiqua, coro e orquestra, ao longo de sua história.

Maria Christina de Andrade Vieira

Presidente da Fundação Cultural de Curitiba

Novo ano, novo desafio e muita obstinação ao preparar a temporada de concertos da Camerata Antiqua de Curitiba. Continua fundamental a preocupação com a qualidade da programação com obras, compositores, solistas e regentes nacionais e internacionais que atraíam a atenção de nossa plateia durante o ano todo. Em 2011, apesar da invariável preocupação com renovação e inovação no repertório, voltamos a executar grandes clássicos, como o Réquiem Alemão de Brahms, as Serenatas para cordas de Dvorak e Tchaikovsky, além de obras inteiramente brasileiras: a Missa Kewere, de Marlui Miranda, e a Missa Afro-Brasileira, de Carlos Fonseca Pinto.

Assim, espero que o público que nos prestigia saia exultante das apresentações da temporada da CAC 2011 nesta maravilhosa sala de concertos de Curitiba, a Capela Santa Maria.

Ótimos concertos a todos!

Wagner Polistchuk

Diretor Artístico da CAC



Ao longo de seus 37 anos de existência, a Camerata Antiqua de Curitiba consolidou-se como um grupo de grande prestígio nacional, oferecendo ao público seu trabalho de excelência artística. Instalada em nova sede desde 2008, a Camerata Antiqua é referência determinante da cultura curitibana. A exemplo do que ocorria na Europa e nos Estados Unidos, a proposta inicial do grupo, criado em 1974 pelo maestro Roberto de Regina e pela cravista Ingrid Seraphim, baseava-se na pesquisa e interpretação da música antiga e, para tal, contava com uma formação camerística bastante apropriada, coro e orquestra de cordas. Após vários anos de dedicação exclusiva à música do Barroco e da Renascença, a Camerata passou a se dedicar também ao repertório de compositores contemporâneos nacionais e estrangeiros e, nos últimos anos, obteve sucesso e reconhecimento em diversas estreias nacionais e mundiais, inclusive de obras comissionadas especialmente para o grupo. Com um currículo respeitável, que inclui a gravação de oito LPs, seis CDs e centenas de apresentações no Brasil e exterior, a Camerata Antiqua de Curitiba revela sua versatilidade graças à capacidade técnica de seus músicos na interpretação tanto do repertório antigo quanto do contemporâneo. Em 2009 o maestro Wagner Polistchuk assume a direção artística da Camerata Antiqua de Curitiba, que passa por uma ampliação ao agregar aos quadros da orquestra e do coro músicos brasileiros e estrangeiros. A participação de renomados solistas e regentes convidados – uma constante na programação da orquestra – acrescida ao talento individual de seus integrantes, solidificou a qualidade artística do grupo, dirigindo-o para um repertório eclético e ousado.



Formado em 1974 como um dos frutos dos Festivais de Música da cidade, o Coro da Camerata Antiqua de Curitiba, composto por cantores com sólida formação musical, é uma das maiores referências da música vocal no estado do Paraná. Desde o início de suas atividades, tanto nas apresentações junto à Camerata Antiqua de Curitiba sob a regência de seu fundador, o maestro Roberto de Regina, quanto nos concertos *a cappella* dirigidos pelo maestro Gerard Galloway, o grupo destacou-se pela originalidade e leveza na interpretação da música barroca e renascentista. Com o passar do tempo, a música contemporânea e as estreias de peças escritas especialmente para o coral passaram a integrar os concertos, imprimindo ao grupo a sua característica mais marcante, ou seja, a de transitar com autoridade por um vasto e eclético repertório.

O coral recebeu várias críticas favoráveis por sua discografia e por suas apresentações no Brasil e no exterior. Entre os concertos internacionais mais significativos podemos citar: a turnê por cinco cidades alemãs com a Orquestra de Câmara da Filarmônica de Arad – Romênia, em 2006; a turnê por Portugal realizando concertos *a capella* e com a Orquestra Sinfônica da Póvoa do Varzim, em 2007; os concertos no “8th World Symposium on Choral Music” na Dinamarca, em 2008, e os concertos no “18º Festival Corale Internazionale – La Fabbrica Del Canto” na Itália, em 2009. Em 2009 o maestro Wagner Polistchuk assume a direção artística da Camerata Antiqua de Curitiba, que passa por uma ampliação ao agregar aos quadros da orquestra e do coro músicos brasileiros e estrangeiros. Com a contratação de 4 cantores, o Coro da CAC passou a dispor de 20 vozes. Está sob a regência de Helma Haller e recebe orientação de técnica vocal de Neyde Thomas.



CORO

A Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba foi fundada em 1974 como um dos grupos integrantes da Camerata Antiqua de Curitiba, um projeto pioneiro do maestro Roberto de Regina e da cravista Ingrid Seraphim, para interpretar a música dos séculos XVII e XVIII. Ao longo destes 37 anos de existência, a OCCC esteve sob a direção de importantes regentes convidados, acompanhou renomados solistas brasileiros e estrangeiros e obteve enorme reconhecimento nacional. Alguns anos após sua criação, motivada pelo grande crescimento técnico dos seus instrumentistas, a orquestra passou a se dedicar também à música clássica, romântica, contemporânea e à música brasileira de todos os tempos, escrita para cordas. O repertório amplo e original, que inclui diversas primeiras audições mundiais, tornou-se uma das características do grupo e parte deste repertório, com obras de compositores brasileiros contemporâneos, foi registrada em CD.

A Orquestra já se apresentou em inúmeras cidades brasileiras e participou dos principais festivais de música do país. Em 1994, foi selecionada para integrar o projeto "Brasil Musical". Aberta a experiências com música popular, a OCCC realizou turnês com o grupo "Nouvelle Cuisine" em 1991, e com os principais nomes da música instrumental brasileira, entre eles Egberto Gismonti, Wagner Tiso e Zimbo Trio. O reconhecimento internacional foi alcançado por meio de diversos concertos memoráveis tais como os do Festival Cultural de Sinaloa, no México, em 1990 e do Festival Brasileira II, em Copenhague, Dinamarca, em 1997. Em 1999, durante a turnê italiana, foram apresentados o concerto de abertura das Comemorações do V Centenário da República do Brasil no Instituto Ítalo-Latino-Americano, Palácio de Santa Croce e Igreja dos Portugueses, em Roma; o concerto no "51° Prix Itália", da rede de televisão estatal-RAI, em Florença, durante a cerimônia de entrega do "Prêmio Especial ao Presidente da República do Brasil" pelos 500 anos de descobrimento. Em 2009 o maestro Wagner Polistchuk assume a direção artística da Camerata Antiqua de Curitiba, que passa por uma ampliação, ao agregar aos quadros da orquestra e do coro músicos brasileiros e estrangeiros. Esse constante processo de atualização e desenvolvimento artístico garante à Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba o título e a honra de ser uma das principais orquestras de câmara do Brasil.

A man with glasses and a beard, wearing a dark suit and a pink tie, is playing a violin. He is positioned in the foreground, looking towards the right. The background shows a dense urban landscape with various buildings under a cloudy sky. The word "Orquestra" is written in a large, white, cursive font across the lower right portion of the image.

Orquestra



Wagner POLISTCHUK

Atualmente Diretor Artístico da Camerata Antiqua de Curitiba, Wagner Polistchuk foi Regente Adjunto da Orquestra Sinfônica de Santo André nos anos de 2007 e 2008 e também Diretor Artístico e Regente Titular da Sinfônica da Universidade Estadual de Londrina em 2003 e 2004. Tem se apresentado à frente de importantes orquestras brasileiras como a OSESP, as sinfônicas do Theatro Municipal de São Paulo, da USP, da Bahia, a Amazonas Filarmônica, do Teatro Nacional de Brasília e de São Bernardo do Campo, e também no exterior, como a Sinfônica de Mendoza na Argentina, a Sinfônica Nacional de Lima no Peru e a Hermitage Orchester, na Suíça. Desde 1985 ocupa a posição de trombone solo da OSESP. Em 1990, especializou-se como solista na Alemanha com Branimir Slokar, um dos mais conceituados professores de trombone da atualidade. No Brasil, paralelamente as atividades como trombonista, iniciou estudos de regência, tendo como primeiro professor o Maestro Eleazar de Carvalho. Outros maestros contribuíram para a sua formação, como Dante Anzolini, Ronald Zollmann, Andreas Spörrli, Roberto Tibiriçá e Kurt Masur. Destacou-se em diversos concursos como o Internacional de Trombones Giovani Concertisti, em Porcia, Itália (1997), o V Concurso Latino-Americano de Regência Orquestral (1998) – obtendo o segundo lugar, o Concurso Internacional de Regência Prix Credit Suisse, em Grenchen, Suíça (2002) e no Concurso para Jovens Regentes Eleazar de Carvalho (2002), onde conquistou o primeiro lugar. Como regente tem dado especial atenção ao repertório contemporâneo sendo responsável pela estreia brasileira de obras de importantes compositores do século XX, como James MacMillan, John Adams, Boris Tchaikowsky, Gerald Finzi e Almeida Prado. Wagner Polistchuk é artista representante dos trombones *Conn-Selmer*, tendo lançado o CD 'Collectanea', com obras para trombone e piano de compositores brasileiros em primeiras gravações mundiais em 1999 e, em 2007, o CD 'Versos Brasileiros', onde rege a Camerata Antiqua de Curitiba.

Diretor Artístico

A Camerata é:

Maestro emérito **Roberto de Regina**

Diretor artístico **Wagner Polistchuk**

Orquestra

Violinos I: Maurício Aguiar (spalla ensaiador convidado), Marco Damm (concertino), Atli Ellenderson, Martina Lohmann, Vanessa Savytzky Schiavon **Violinos II:** Paulo Hübner (solista), Francisco de Freitas Jr., Moema Cit Meyer, Silvanira Bermudes e Walter Hoerner

Violas: Flávia Motta (solista), Aldo Villani, Helena Alice Carollo Damm, Roberto Hübner e Edna Rytzmann Savytzky (licenciada)

Violoncelos: Faisal Hussein (solista), Ivo Meyer e Thomas Jucksch

Contrabaixo: Pablo Guiñez (solista) e Martinho Lutero Klemann

Coro

Sopranos: Ana Vargas, Darci Almeida, Luísa Favero, Naura Sant'Ana e Sílvia Suss Marques **Contraltos:** Ariadne Oliveira, Cissa Duboc, Daniele Oliveira, Fátima Castilho e Mirta Schmitt

Tenores: Alexandre Mousquer, Ivan Morais, Maico Sant'Anna, Marcos Brito, Sidney Gomes **Baixos:** Ademir Maurício, Cláudio de Biaggi, Fernando Klemann, José Brazil e Marcelo Dias

Regente do Coro: Helma Haller

Pianista Co-repetidora: Clenice Ortigara

Orientadora Vocal: Neyde Thomas

Ficha Técnica

Assistente da direção artística **Darci Almeida**

Assessoria da coordenação de música erudita **Márcia Squiba**

Representantes **Ivan Morais, Francisco de Freitas Jr.**

Coordenador administrativo e de produção **Agnaldo Oliveira**

Assistentes de produção **Alício Cardoso, Altair de Oliveira,**

Elizabeth Carlos, Valdecir Pereira

Arquivista **Cornelis Kool**

Programas

Camelata Antiqua de Curitiba

MISSA KEWERE

25 MARÇO SEX 20h
26 e 27 MARÇO SÁB e DOM 18h30

Local Capela Santa Maria Espaço Cultural

Solista e Compositora **Marlui Miranda** (p. 42)

Regente **Wagner Polistchuk** (p. 42)

Direção Cênica **Jacqueline Daher** (p. 42)

Iluminação **Nádia Luciani**

Cenografia **Manu Daher**



Marlui Miranda

Instrumentistas convidados

Zélia Brandão flauta

Jairo Wilkens clarinete

Isaac Santos trompa

Marcos Xavier trompete e flugelhorn

Luís Fernando Diogo tímpanos

Vina Lacerda e Alexandre Schimmelpfeng percussão

Isaque Lacerda legendas

PROGRAMA

Marlui Miranda (1949)

Missa 2 Ihu Kewere: Rezar (1997) 1h10' (*)

1. Canto de Entrada

Adaptado dos cantos dos Aruá de Rondônia

Arranjo adaptado: **Lucian Rogulski**

Arranjo original: **Marlui Miranda e Nelson Ayres**

Primeiro Canto (Aruá)

Segundo Canto (Aruá)

Terceiro Canto (Aruá)

Quarto Canto (Aruá)

Quinto Canto (Anchieta)

2. Kyrie

Arranjo coral: **Marlui Miranda**

3. Glória

Adaptado dos cantos dos índios Tupari de Rondônia

Arranjo coral: **Marlui Miranda**

Primeiro Canto (Tupari)

Segundo Canto (Anchieta)

4. Aleluia: Aclamação do Evangelho

Arranjo coral: **Marlui Miranda**

5. Credo

Adaptado dos cantos dos índios Urubu-Kaapor

Arranjo: **Marlui Miranda**

6. Ofertório

Adaptado dos cantos dos índios Aruá

Arranjo adaptado: **Lucian Rogulski**

Arranjo original: **Caíto Marcondes**

Primeiro canto (Aruá)

Segundo canto (Aruá)

Terceiro canto (Aruá)

Quarto canto

7. Pai Nosso

Arranjo adaptado: **Lucian Rogulski**

Arranjo original: **Mateus Araújo**

8. Agnus Dei

Adaptado dos cantos dos índios Aruá de Rondônia

Arranjo adaptado: **Lucian Rogulski**

Arranjo original: **Nelson Ayres**

Arranjo coral: **Marlui Miranda**

Primeiro canto (Aruá)

Segundo canto (Anchieta)

9. Ação de Graças

Adaptado dos cantos dos índios Urubu-Kaapor

Arranjo coral: **Marlui Miranda**

10. Canto Final

Adaptado dos cantos dos índios Aruá de Rondônia

Arranjo original: **Ruriá Duprat**

Primeiro canto (Anchieta)

Segundo canto (Aruá)

Terceiro canto (Tupari)

* Estreia CAC

A Compositora

Marlui Miranda

(Ceará, 1949 – São Paulo)

Marlui Miranda é cantora, compositora e pesquisadora reconhecida por interpretar, difundir e valorizar a cultura e a música indígenas do Brasil. Recebeu prêmios da Academia Alemã de Crítica (*SchallplattenKritik*, 1996), por sua peça musical e CD intitulados *IHU, Todos os Sons*; a *Ordem do Mérito Cultural* do Ministério da Cultura em 2002, e o Prêmio Chico Mendes de Meio Ambiente na categoria projeto cultural em 2005. Compôs música para filmes e documentários, recebendo o prêmio de melhor trilha sonora do longa-metragem *Hans*

Staden, de Luis Alberto Pereira em 2002. Gravou e se apresentou com Egberto Gismonti, Nana Vasconcelos, Bugge Wesseltoft, Caito Marcondes, Lucian Rogulski, Aylton Escobar, Rodolfo Stroeter e Tiago Pinheiro. Foi professora visitante nas Universidades de Chicago; Dartmouth, Indiana, e bolsista da Fundação Guggenheim e Vitae. Sua composição mais recente é "Sete Quartetos para Zé", que teve sua *première* no IEA, Instituto de Estudos Avançados da USP em outubro/2010, durante memorial em homenagem ao poeta José Paulo Paes.

A Obra

Muitas missas étnicas foram compostas, tais como a "Missa Creolla", a "Missa da Terra Sem Males", "Missa Yoruba". A **Missa Kewere** assume os ingredientes culturais dos índios amazônicos brasileiros, distantes de uma tradição musical erudita. Em Kewere, a ideia central da composição é a tensão, a contraposição de crenças: de um lado, fragmentos de cantos de cerimônias indígenas; de outro, versos cristãos do século XVI do jesuíta José de Anchieta e textos da liturgia acomodados dentro da mesma trama composicional. Os cantos indígenas selecionados na pesquisa são oriundos de celebrações solenes, em paralelo com as celebrações do rito católico. Assim, um canto de chegada se aproxima do intróito, sem que seja a mesma forma. A escolha de uma formação orquestral é pertinente à ideia da catequese, da conversão dos indígenas a uma religião europeia. Tupi-Guarani, é a língua ancestral que unifica a composição como um todo. Ao mesmo tempo em que a forma de "oratório" nos distancia das origens deles, nos aproxima misteriosamente, porque uma parte da interpretação vocal

é feita de maneira étnica, evocando personagens indígenas, vozes que ecoam no passado da catequese. Assim, no Kyrie, a índia canta à sua maneira, misturando duas crenças: "Kyrie Eleison... Tupã oré r-ausubariepé... Tupã Eleison...", enquanto, paralelamente, acontece um canto "gregoriano" e um canto de "nominação", este último explicado como uma espécie de "batismo", inspirado na tradição indígena. Kewere é uma composição de equilíbrio delicado, em que a compositora procura adequar o sentido musical e poético dos Aruá, dos Tupari, dos Urubu-Kaapor. Todos são povos que falam o tupi na atualidade. Os cantos indígenas são formas musicais raras, ameaçadas pelo esquecimento, portanto, fragilizadas. São em geral transmitidas através do mundo dos sonhos. É na estrutura de fragilidades e questionamentos desta peça musical que pousam os versos de José de Anchieta lado a lado com as vozes indígenas, os sons orquestrais e as vozes da Camerata de Curitiba reverberando, num mesmo tecido sonoro, passado e presente, em pensamentos religiosos tão opostos.

Camerata Antiqua de Curitiba

STABAT MATER

15	ABRIL	SEX	20h
16 e 17	ABRIL	SÁB e DOM	18h30

Local Capela Santa Maria Espaço Cultural

Solistas*

Soprano **Marília Vargas** (p. 43)

Mezzo-Soprano **Ariadne Oliveira** (p. 43)

Tenor **Sidney Gomes** (p. 44)

Baixo **Fernando Klemann** (p. 44)

Regente* **Luís Otávio Santos** (p. 44)

Órgão **Clenice Ortigara**



PROGRAMA

Joseph Haydn (1732-1809) - Stabat Mater para solistas, coro e orquestra e órgão em Sol menor, Hob.XXbis (1767) 81' (*)

1. Stabat Mater (Tenor e Coro)
2. O quam tristis (Mezzosoprano)
3. Quis est homo (Coro)
4. Quis non posset (Soprano)
5. Pro peccatis (Baixo)
6. Vidit suum (Tenor)
7. Eia mater (Coro)
8. Sancta mater (Soprano e Tenor)
9. Fac me vere tecum (Mezzosoprano)
10. Virgo virginium (Quarteto e Coro)
11. Flammi orci (Baixo)
12. Fac me cruce custodiri (Tenor)
13. Quando corpus morietur (Soprano, Mezzosoprano e Coro)

(*) Estreia Brasileira

O Compositor

Franz Joseph Haydn

(Rohrau, Áustria, 31 de março de 1732 – Viena, Áustria, 31 de maio de 1809)

Franz Joseph Haydn é considerado o “Pai da Sinfonia”. Compôs mais de 100 delas, além de 83 quartetos de cordas e dezenas de criações em diversos gêneros instrumentais e vocais, sacros e profanos. Morreu aos 77 anos e passou, pelo menos, meio século trabalhando pela música. O segundo movimento de seu Quarteto “Imperador”, de 1797, foi posteriormente adotado como Hino Nacional da Alemanha. Até os seis anos de idade, Haydn morou na vila de Rohrau, na Áustria, local onde nasceu em 31 de março de 1732. Depois viveria definitivamente em Viena, onde passou a maior parte de sua carreira na condição de músico da importante família Esterházy. Na corte, Haydn compunha música para festas e recepções.

Impressionado pelas obras de Mozart, por volta de 1781 Haydn inicia uma sólida amizade com o jovem gênio. Nesta época, Haydn parou de compor óperas e concertos – precisamente os dois gêne-

ros em que Mozart mais se destacou. Mozart, em contrapartida, escreveu seis quartetos dedicados a Haydn. A vida de Haydn tomaria um novo rumo no ano de 1790. Com a morte do príncipe Nicolau Esterházy, que foi sucedido por um outro que não gostava de música, Haydn pôde aceitar a oferta do empresário alemão Johann Peter Salomon para ir à Inglaterra e reger suas novas sinfonias com uma grande orquestra. A viagem foi um sucesso. Musicalmente, as visitas renderam algumas das mais famosas obras de Haydn, conhecidas como as “Sinfonias Salomon” ou “Sinfonias de Londres”. A partir de 1802, Haydn dá sinais de debilidade física e fica impossibilitado de compor. Isso o deprimiu, porque novas inspirações lhe acometiam a todo instante. O compositor foi amparado por seus empregados e recebeu muitos visitantes e honras públicas durante esse tempo. Faleceu em 1809, após a tomada de Viena pelo exército francês de Napoleão Bonaparte.

A Obra

Historiadores não descobriram a ocasião em que Haydn escreveu essa longa obra baseada no famoso poema retratando a Virgem Maria ao pé da Cruz. O melhor que temos é uma carta de Março de 1768, de Haydn para seu empregador, o Príncipe Nicolaus Esterházy, pedindo licença para participar de uma segunda apresentação, realizada no Convento dos Irmãos da Misericórdia, em Viena. As forças necessárias para a execução deste Stabat Mater são suficientemente pequenas (quarteto vocal, coro, órgão com fagote dobrando a linha de baixo, dois oboés e corne-inglês e cordas) que poderia ter sido apresentada na propriedade Esterházy em Eisenstadt. O trabalho é dividido em vários movimentos, com todos os outros movimentos sendo um solo vocal; o resto são coros ou para coro e solistas. Existem

dois solos de baixo particularmente agradáveis e a escrita da parte coral é excepcional. No entanto, o trabalho é sobrecarregado com seções lentas, um precursor das “Sete últimas palavras”, outra representação de Cristo na Cruz. Mas também é um exemplo de Haydn ampliando seus poderes expressivos na música em tonalidade menor; um grande número de movimentos desta obra é desse modo. O trabalho também foi de grande importância na propagação de fama de Haydn em toda a Europa. Ele se tornou o primeiro trabalho vocal a ser impresso em grande escala, circulando em toda a Europa, conquistando grande sucesso em Paris e Londres. Mais tarde foi dedicada a Maria Antonia Walpurgis, viúva de Frederico Augusto II, que também era compositora.

Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba

JOSÉ ANANIAS, 35 ANOS DE CARREIRA

06 MAIO SEX 20h
07 MAIO SÁB 18h30

Local Paróquia N. S. Aparecida
Capela Santa Maria Espaço Cultural

Solistas*

Flauta **José Ananias Lopes Souza** (p. 44)

Flauta **Sebastião Interlandi Jr.** (p. 45)

Direção Musical* **Maurício Aguiar** (p. 45)

Cravo **Davi Sartori** (p. 45)

PROGRAMA

Carl Philipp Emanuel Bach (1714-1788)

Concerto em Ré menor para flauta e cordas H.426 (ca. 1747) 20'

1. Allegro
2. Um poco andante
3. Allegro di molto

Dimitri Cervo (1968)

Série Brasil 2010 n. 1 - Concerto para Duas Flautas e Orquestra de Cordas (2009) 14' ()*

1. Vivace (barroco de caruaru)
2. Largo
3. Maestoso

Anton Dvořák (1841-1904)

Serenata para Cordas em Mi Maior, B.52, Op. 22 (1875) 28'

1. Moderato
2. Tempo di valse
3. Scherzo: Vivace
4. Larghetto
5. Finale: Allegro vivace

(*) Estreia OCCC

Carl Philipp Emanuel Bach

(Weimar, Alemanha, 8 de março de 1714 – Hamburgo, Alemanha, 14 de dezembro de 1788)

Quinto filho (segundo sobrevivente) de J.S.Bach e de Maria Bárbara, o seu padrinho foi o célebre Telemann. Quando tinha dez anos de idade, ingressou na Escola de São Tomás em Leipzig, onde seu pai em 1723 havia tornado-se “Kantor”, e continuou sua educação como estudante de “Jurisprudência” nas universidades de Leipzig (1731) e Frankfurt an der Oder (1735). Em 1738 graduou-se, mas logo decidiu abandonar tal caminho profissional, determinado a passar a devotar-se completamente a música. Sua reputação foi estabelecida por duas séries de sonatas, que dedicara respectivamente a Frederico o Grande e para o grão-duque de Württemberg; em 1746 foi promovido ao posto de músico de câmara, e por vinte e dois anos dividiu com Carl Heinrich Graun, Johann Joachim Quantz e Johann Gottlieb Naumann o auxílio contínuo do rei. C.P.E.Bach morreu em 15 de dezembro de 1788, mas em 1795, Haydn foi Hamburgo para o ver, sem saber que C.P.E.Bach morrera sete anos antes.

A música deste *Concerto em Ré menor* é definitivamente de C.P.E. Bach – correspondendo a um concerto de cravo autenticado – mas a adaptação para flauta pode ter sido preparada por outra pessoa. Na abertura Allegro, a orquestra apresenta o material temático, incluindo um tema principal dramático em uma tonalidade menor e uma melodia mais leve e bastante receptiva à ornamentação. A flauta solo domina este tema e vai necessariamente tornando-o mais elegante do que durante a introdução orquestral inicialmente sugerida. Uma vez que a flauta apresentou seus temas, a exposição orquestral é repetida, e aí ela começa um desenvolvimento com os temas altamente ornamentados. Isso é puro virtuosismo escrito, enviando a flauta através de uma grande variedade de tonalidades, em sua sucessão rápida e incomum: Mi, Fá, Si bemol, Ré menor, Mi maior novamente e mais uma vez Lá menor. O segundo movimento, Un poco andante,

flui calmo e elegantemente, em forte contraste com alguns dos movimentos lentos estranhamente mais agitados que Bach escreveria na década de 1770 e 1780. Apesar disso, aqui aparece uma dica do futuro audacioso do compositor. Quando a flauta assume as adoráveis e graciosas longas melodias, ele progride de linhas encantadoras e cantabile para seções de recitativo dramáticas. Ele traz a obra para uma conclusão inesperadamente emocionante num Allegro di molto, música de notável velocidade e intensidade. O flautista deve ser não apenas ágil, mas ser capaz de vencer duas oitavas e meia em uma única passagem extremamente curta, evitando os temas explosivos da orquestra ao atirar-se a diversas longas escalas. O delírio absoluto desta música vai muito além de qualquer coisa que o pai do compositor alguma vez tentou (embora o estilo tenha suas raízes no estilo extravagante de alguns violinistas do Barroco italiano). Ele olha para as tempestades e tensões das sinfonias intermediárias de Haydn e até mesmo, para alguns dos furacões desencadeados pelo Romantismo precoce.

Dimitri Cervo

(Santa Maria, Rio Grande do Sul - Brasil, 1968)

Compositor e pianista, aos 14 anos apresentava suas primeiras composições em público. Começou a destacar-se nacionalmente a partir de 1995, quando a sua obra Abertura e Toccata recebeu o primeiro prêmio no Concurso de Obras Orquestrais do XV Festival de Londrina e foi executada por cinco orquestras brasileiras. Sua discografia inclui um CD individual, Toronubá, pelo qual recebeu dois Prêmios Açorianos, de melhor CD e melhor compositor erudito, além de obras gravadas por diversos grupos e artistas.

Realizou seus principais estudos musicais de piano, composição e regência nas cidades de Porto Alegre, Siena, Salvador e Seattle. Graduiu-se em

piano pela UFRGS (com Dirce Knijnik), e realizou os cursos de composição (com Franco Donatoni) e de música para cinema (com Ennio Morricone), na Accademia Chigiana de Siena, Itália. Entre 1996 e 1998 viveu em Seattle (EUA), onde seu contato com o Minimalismo americano se aprofundou. A partir de 1997 começou a desenvolver uma estética pessoal, fundindo elementos da música brasileira com feições do Minimalismo. Nos dez anos seguintes criou um conjunto de obras para diversas forças instrumentais, a Série Brasil 2000, que já receberam centenas de execuções no Brasil e no exterior. Em Salvador estreou ao piano a sua Passacaglia Fantasia para piano e orquestra. Em Seattle assinou contrato com a Freehand tornando-se um dos pioneiros na publicação de partituras em formato digital na web. Sua Pequena Suíte Brasileira recebeu o prêmio do júri e do público no V Aliénor Composition Competition, tendo sido gravada e publicada nos EUA. Em 2006 foi o compositor homenageado do 13º. Concurso de Piano do Conservatório de Ituiutaba (MG). Em 2008 estreou ao piano Uguabê, com a Orquestra de Câmara da ULBRA. Em maio de 2009 executou com a Sinfônica de Sergipe sua obra Toronubá, no Teatro Guaíra de Curitiba. Daquela cidade a Sinfônica seguiu sua turnê nacional, apresentando Toronubá nas principais salas de concerto brasileiras. Em 2009 foi contemplado com a Bolsa Funarte de Estímulo à Criação Artística para o desenvolvimento das primeiras obras da Série Brasil 2010, uma nova série com obras para instrumentos solistas e orquestra de cordas, de câmara ou sinfônica. No StudioClio regeu a estreia das duas primeiras obras da Série Brasil 2010, sendo o Concerto para Violão também apresentado na XVIII Biental do RJ. Em 2010 realizou ao piano, com a Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo, a estreia da versão para grande orquestra de Toronubá. Teve também estreada Brasil Amazônico, pela OSPA, execução que consumou a estreia da Série Brasil 2000 como um todo. Em 2011 Cervo tem obras programadas pela Camerata Antiqua de Curitiba, Petrobras Sinfônica, Orquestra de Mato Grosso, dentre outras. Em paralelo as suas atividades artísticas atua, desde 2006, como docente no Departamento de Música do Instituto de Artes da UFRGS.

O *Concerto para Duas Flautas* e Orquestra de Cordas é a primeira obra da Série Brasil 2010. Essa série, em pleno desenvolvimento, contempla obras para instrumentos solistas e orquestra sinfônica, de câmara, ou de cordas. Esse concerto foi criado em 2009, com apoio da Bolsa Funarte de Estímulo à Criação Artística. A obra tem três movimentos e alude ao barroco. Mas em vez de um concerto barroco, temos uma obra moderna que o toma por sujeito. O primeiro movimento, intitulado “Barroco de Caruaru”, faz referências ao folclore brasileiro e ao tema da oitava obra da Série Brasil 2000. O segundo, de caráter lento e de tocante expressividade melódica, faz referência ao acorde inicial da Bachianas n. 9 de Villa-Lobos. O terceiro alude aos ritmos sincopados da música brasileira e conduz a obra ao final, com um caráter alegre e festivo, aliado a uma brilhante virtuosidade. A gama de influências, que inclui referências, citação e autocitação, aponta para uma obra cuja estética transita entre o antigo e o moderno de forma natural e sem fronteiras, e na qual o sentido é buscado e construído através da intertextualidade.



Dimitri Cervo

Antonín Leopold Dvořák

(Nelahozeves (Boêmia), República Tcheca, 8 de setembro de 1841 – Praga, República Tcheca, 1 de maio de 1904)

Os primeiros anos que Dvořák passou em Nelahozeves nutriram a forte fé cristã e o amor pela sua herança boêmia que tão fortemente influenciou a sua música. Seu pai Frantisek Dvorak (1814-1894) foi um taberneiro, instrumentista profissional de cítara e açougueiro. Embora seu pai quisesse que ele também fosse um açougueiro, Dvořák passou a buscar um futuro na música. Recebeu sua primeira educação musical na escola da aldeia, onde ingressou em 1847, aos 6 anos. De 1857 a 1859 estudou música na única escola para organistas de Praga e, gradualmente desenvolveu-se, tornando-se um excelente instrumentista de violino e viola. Ao longo da década de 1860, tocou viola na Orquestra Provisória do Teatro da Boêmia, que em 1866 era regido por Bedřich Smetana. Quando tinha dezoito anos, Dvořák era um músico em tempo integral e recebia cerca de 7,50 dólares por mês. A constante necessidade de complementar sua renda levou-o a ensinar lições de piano. Foi através dessas aulas de piano que conheceu sua esposa. A princípio, ele se apaixonou por sua pupila Josefina Čermáková, para quem ele compôs Cypress Trees. No entanto, ela nunca correspondeu a esse amor e acabou casando com outro homem. Em 1873, Dvořák casou-se com a irmã de Josefina, Anna. Seu primeiro sucesso foi um hino baseado numa obra de Hálek, famoso poeta de seu país. Assim conseguiu a colocação de organista na Igreja de Saint-Ethelbert, que ocupou até 1877. O compositor foi diversas vezes para a Inglaterra, onde recebeu o título de doutor honoris causa da Universidade de Cambridge em 1891. Obteve o mesmo título também da Universidade de Viena e da Universidade de Praga. A obra de Dvořák constitui uma síntese do pós-romantismo alemão de Brahms e da tradição folclórica eslava, sendo que suas composições têm estilos muito próprios, com grande riqueza melódica e colorido orquestral.

Dvořák compôs sua **Serenata para Cordas em Mi Maior Op. 22** no início de maio de 1875. A Serenata pertence à fase inicial da carreira de Dvořák, momento no qual ele escrevia de manei-

ra abundante. Obra a um só tempo doce e vívida, repleta de belas melodias, revela sonoridade rica e uma harmonização bastante elaborada. Para manter seu caráter de divertimento noturno, a partitura não comporta grandes desenvolvimentos temáticos e faz com que seus movimentos se articulem em torno do esquema formal. O Moderato inicial é aberto por um tema intenso e emotivo, posto sobre um suave ritmo embalador. Às tantas, um cântico apaixonado vem disputar a atenção. O valente Menuetto que aparece em seguida é dominado por uma melodia ágil e dançante, de caráter eslavo. Seu Trio contém um episódio apaixonado, quase sentimental, e um breve episódio marcado por fortes acordes. A melodia ágil do início volta à tona nesse que é o mais longo movimento da obra. O Scherzo seguinte é um Vivace efetivamente animado, um autêntico torvelinho brilhante. Em breve o andamento se torna mais lento, e a fisionomia especialmente sonhadora de um novo tema então se revela. Dvorak dotou seu trio de um tema todo cantante e saudosista que é acompanhado por um ritmo sincopado, de inspiração popular. E quando a música volta a se animar, graças à reexposição do motivo brilhante do início, ela acaba por chegar à coda de encerramento que evoca o segundo e romântico motivo, a um só tempo fervoroso e sonhador, para, só depois, encerrar o movimento com o brilho do começo. O Larghetto que segue baseia-se em um amplo motivo cheio de enlevo, de clima inicialmente pacífico, que pouco depois se inflama. Ele traz as marcas dessa mente inventora de lindas melodias que, posteriormente, o mundo musical iria adorar. O último andamento da Serenata é um Allegro Vivace aberto por um motivo alerta, que se desenrola com ágil fluidez. Um novo episódio traz à baila uma dança rápida; outro instante desvela um tema apaixonado, que logo é destronado pelo motivo alerta do início. Pouco depois, a agitação cede espaço para mostrar, uma vez mais, o enredante tema apaixonado. Mas é o primeiro tema que conclui a partitura, por meio de uma coda na qual a agitação se torna quase frenética.

Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba

VIVALDI PARA VIOLINO

20	MAIO	SEX	20h
21	MAIO	SÁB	18h30

Local Paróquia São Pio X
Capela Santa Maria Espaço Cultural

Solistas*

Regente* e Violino solo **Emmanuele Baldini** (Itália/Brasil) (p. 45)

Cravo **Davi Sartori** (p. 46)

Teorba e Arquiualaúde **Silvana Scarinci** (p. 46)



PROGRAMA

Antonio Vivaldi (1678-1741)

Concerto em Dó maior (Il Piacere) (O Prazer) RV 180, Op. 8, nº 6 (1725) 9" ()*

1. Allegro
2. Largo
3. Allegro

Concerto em Dó menor (Il Sospetto) (O Suspeito) RV 199, Op. 51, nº 3 (antes de 1742) 9" ()*

1. Allegro
2. Andante
3. Allegro

Concerto em Mi menor (Il Favorito) (O Favorito) RV 277, Op. 11, nº 2 (1729) 13" ()*

1. Allegro
2. Andante
3. Allegro

Concerto em Ré maior (Grosso Mogul) (O Grão-Mogul) RV 208, Op. 7/11 (antes de 1742) 17" ()*

1. Allegro
2. Grave: Recitativo
3. Allegro

Concerto em Fá maior (Per la Solennità di San Lorenzo) (Para a festa de São Lourenço) RV 286 (antes de 1742) 14" ()*

1. Largo molto e spiccato
2. Largo
3. Allegro non molto

(*) Estreia OCCC

O compositor

Antonio Lucio Vivaldi

(Veneza, Itália, 4 de março de 1678 – Viena, Áustria, 28 de julho de 1741)

Foi um compositor e músico italiano do estilo barroco tardio. Tinha a alcunha de *Il prete rosso* (O Padre Vermelho) por ser um sacerdote de cabelos ruivos. Muito além do que apenas suas composições, seus contemporâneos elogiavam, sobretudo, a grande habilidade de Vivaldi como violinista. Celebrado como um dos maiores virtuosos de sua época, contribuiu para o desenvolvimento tanto da técnica de execução do instrumento quanto da fixação do modelo formal do concerto com solista. O violino esteve presente em sua vida desde que nasceu: seu pai, Giovanni Battista, barbeiro de profissão e violinista de coração, tornou-se músico da orquestra da Basílica de São Marcos, tendo sido o primeiro professor do filho – que cresceu nessa atmosfera

eclesiástica, o que explica a escolha de Vivaldi pela carreira sacerdotal numa época em que, na Itália, era bastante comum associar a atividade musical ao sacerdócio. Tonsurado pelo patriarca de Veneza aos 15 anos, foi ordenado padre aos 25, mas um ano depois, em 1704, foi dispensado por sofrer de asma. Pôde, então, dedicar-se à música, tendo permanecido, entre 1703 e 1720, como professor de violino do Pio Ospedale Della Pietà. Além de 50 óperas, três oratórios, 49 cantatas profanas e 21 sinfonias, compôs cerca de 500 concertos, dos quais 230 destinam-se para violino solista. Muitos desses concertos receberam títulos descritivos e são referidos como *Concerto a Titolo*.

Obra

Alguns, como *Il Piacere* (O Prazer), em Dó maior – sexto de um grupo de 12 concertos (Opus 8) conhecido como *Il Cimento dell'Armonia e dell'Invenzione* (O Desafio entre a Harmonia e a Invenção), cujos quatro primeiros constituem As Quatro Estações – e *Il Sospetto* (O Suspeito), em Dó menor, recebem seu nome de intenção programática com que o autor define o ambiente geral da obra. Outros, como o *Concerto per La Solenità di San Lorenzo*, em Fá maior – um dos 31 que Vivaldi escreveu para uma jovem órfã, sua aluna – trazem no título o motivo de sua composição. Esse

Concerto estreou em 10 de agosto (dia do santo) no Ospedale Della Pietà. Em 1729, Vivaldi compôs o Opus 11, grupo de seis concertos apresentados durante a visita de Carlos VI, também imperador do Sacro Imperio Romano. O Segundo Concerto, em Mi menor, dotado de um brilhantismo excepcional para o violino solista, foi, por essa razão, denominada *Il Favorito* da série. O exótico título do concerto em Ré Maior, *Il Grosso Mogul* (O Grão-Mogol, em português) inspira-se na corte indiana de Akbar, o grão-mogol, sob cujo reinado floresceu o Império Mogol.

Coro da Camerata Antiqua de Curitiba

MÚSICA CORAL FRANCESA E ESPANHOLA

27 MAIO SEX 20h

28 MAIO SÁB 18h30

Local Capela Santa Maria Espaço Cultural

Regente* **Eliane Fajoli** (p. 46)

Solista* Violão **Fabiano Carlos Zanin** (p. 47)

PROGRAMA

Gabriel Fauré (1845-1924)

Pavane, Op. 50 (1887) 8"

Gabriel Fauré (1845-1924)

Cantique de Jean Racine para Coro e Órgão, Op. 11 (1865) 6"30

Violoncelo Solo: Faisal Hussein

Gabriel Fauré (1845-1924)

Madrigal para Coro e Piano, Op. 35 (1883) 3"20 ()*

Maurice Duruflé (1902-1986)

Quatro Motetos sobre temas gregorianos para Coro, Op. 10 (1960) 7"50 ()*

1. Ubi caritas (4 vozes mistas)
2. Tota pulchra es (3 vozes femininas)
3. Tu es Petrus (4 vozes mistas)
4. Tantum ergo (4 vozes mistas)

Mario Castelnuovo-Tedesco (1895-1968)

Romancero Gitano para Coro Misto e Violão, Op. 152 (1951) 18"37

1. Baladilla de los Tres Ríos (do Poema Del Cante jondo)
2. La Guitarra (do Poema Del Cante jondo)
3. Puñal (do Poema de la Soleá)
4. Procecion: Paso/Saeta (do Poema de la Saeta)
5. Memento (de Viñetas Flamencas)
6. Baile (de Tres Ciudades)
7. Crótalo (de Seis Caprichos)

(*) Estreia CORO da CAC

Gabriel Urbain Fauré

(Pamiers, Ariège, Midi-Pyrénées, França, 12 de maio de 1845 – Paris, França, 4 de novembro de 1924)

Filho de gente modesta mostrou muito novo notáveis aptidões para a música, tanto que aos 8 anos, sem auxílio de qualquer professor, fazia improvisações no harmônio da igreja de Montgauzy. Em 1855 Fauré entra para a afamada Escola Niedermeyer de Paris, onde permanece como aluno interno até 1865, e recebe uma sólida educação musical. Do corpo docente da Escola, fazia parte outro importante compositor, Camille Saint-Saëns, ao qual ficou devendo, além dos seus conhecimentos pianísticos, uma cultura musical que não só abrangia os grandes mestres contemporâneos, como lhe revelava a grandeza e perfeição de ofício de um certo Johann Sebastian Bach. Fauré é, sem dúvida, um dos maiores nomes da música francesa moderna e um dos mais eminentemente representativos do espírito francês. Se apresenta dominado pelo sentido da elegância, clareza, recato poético e oposição ao dramatismo oratório. Poucos compositores terão uma individualidade tão marcada quanto Fauré. Esta individualidade esta fundamentada em três características próprias:

1. A característica textura da música, relevante principalmente nas peças de piano, com a fluidez da sua escrita baseada em engenhosas figurações de harpejos intercalados a um contraponto sutil;
2. A pessoal concepção da harmonia, que, baseada em grande parte nos modos gregorianos, apresenta uma mobilidade surpreendente;
3. A feição especial da melodia, que, embora subordinada ao movimento harmônico, é de uma amplitude, requinte e fragrância inconfundíveis, do que dão testemunho tantas páginas instrumentais, em que Fauré se mostra um dos maiores mestres de todos os tempos.

A *Pavane em F# menor, Op. 50* é uma composição para orquestra e coro opcional escrita em 1887. Obtendo seu ritmo de uma dança lenta processional da corte espanhola de mesmo nome, a

Pavane flui e reflui através de uma série de climas harmônicos e melódicos, evocando uma elegância calma e provocativa da Belle Époque. A peça é orquestrada para uma modesta orquestra consistindo de cordas e pares de flautas, oboés, clarinetes, fagotes e trompas. Quando Fauré começou a trabalhar na Pavane, ele imaginou um trabalho puramente orquestral para ser tocado em uma série de concertos leves de verão regidos por Jules Danbé. Depois de Fauré optar por dedicar a obra à sua benfeitora, Elisabeth, Condessa Greffulhe, se sentiu compelido a apresentar algo um pouco mais grandioso, e por sua recomendação, acrescentou um coro invisível para acompanhar a orquestra (com uma adicional permissão para bailarinos). As letras foram baseadas em alguns versos inconsequentes, à *la Verlaine*, sobre o desamparo romântico do homem, contribuição do primo da Condessa, Robert de Montesquiou-Fézensac. A versão orquestral foi estreada em um concerto sob a batuta de Charles Lamoureux em 25 de novembro de 1888. Três dias depois, a versão coral foi estreada no concerto da *Société Nationale de Musique*. Em 1891, a Condessa finalmente ajudou Fauré a produzir a versão com coro, em um espetáculo coreográfico projetado para abrilhantar uma de suas festas de jardim no Bois de Boulogne. Desde o início a Pavane gozou de grande popularidade, com ou sem coro. Entrou o repertório padrão dos balés russos em 1917, onde também foi apresentada como *Las Mininas ou Les Jardins d'Aranjuez*. O exemplo de Fauré foi imitado por seus alunos, que passaram a escrever suas próprias pavanas: *A Pavane pour une infante défunte* de Ravel e o *Passepied* da Suite Bergamasque de Debussy. A *Cantique de Jean Racine* é uma ambientação de poemas do dramaturgo e poeta do século XVII Jean Racine. Foi a primeira composição significativa de Fauré, escrita em 1865 enquanto ele estava em seu último ano na *École Niedermeyer*, a escola de música religiosa e clássica.

Ele submeteu a peça para um concurso de composição e ganhou, embora só tenha sido publicada onze anos mais tarde, seguida de uma versão completa orquestral em 1906. Fauré passou a escrever uma boa dose de música religiosa – mais notavelmente o *Requiem*, escrito em 1888 – mas de suas peças sagradas curtas o *Cantique* particularmente captou muitos afetos de coros e plateias. **Madrigal** é uma conhecida e maravilhosa obra baseada em um poema do poeta francês Armand Silvestre. Ela foi composta como um presente de casamento ao compositor francês André Messager em 1883. A canção consiste de homens e mulheres cantando versos alternados entre si.

Maurice Duruflé

(Louviers, Haute-Normandie, França, 11 de Janeiro de 1902 – Louveciennes, França, 16 de Junho de 1986)

Duruflé foi compositor, pedagogo e organista. Em 1912, tornou-se corista no Coral da Catedral de Rouen, onde também estudou piano e órgão com Jules Haelling. Aos dezessete anos mudou-se para Paris, para ter aulas particulares de órgão com Charles Tournemire. Em 1920 Duruflé ingressou no Conservatório de Paris, ganhando alguns prêmios por suas interpretações, harmonia, piano e composição. Em 1927, foi nomeado assistente de Louis Vierne em Notre-Dame. Duruflé tornou-se organista titular do St. Étienne-du-Mont em Paris em 1929, uma posição que ocupou por toda sua vida. Em 1939, executou a estreia mundial do Concerto para Órgão de Francis Poulenc. Em 1943, tornou-se professor de harmonia no Conservatório de Paris, onde trabalhou até 1970. Em 1947, escreveu o que se tornaria a sua peça mais famosa: Requiem op.9, para solistas, coral, órgão e orquestra. Em 1953, casou-se com Marie-Madeleine (após seu casamento com Lucette Bousquet ter terminado em 1947). O casal tornou-se o duo de organistas mais famoso de todos os tempos.

O trabalho coral de Duruflé em “Ubi caritas” é uma das mais populares obras sacras *a cappella* do século XX; e é, no entanto, apenas uma de um grupo de quatro obras de calibre igualmente alto. Os

Quatro Motetos, escritos antes da versão final de seu *Réquiem*, são dedicados a Auguste Le Guenand, diretor do Instituto Gregoriano em Paris. Cada um dos motetos é baseado em um tema em canto gregoriano diferente que continuará a ser destacada por toda a obra, esse processo é semelhante à técnica empregada no *Réquiem*, dando às peças um ritmo flexível e discursivo. A introdução da melodia original é dada na notação característica do canto gregoriano, ou seja, em neumas, no início de cada moteto. Cada um dos motetos é bastante curto – um traço que é típico de Duruflé (mesmo o *Réquiem*, sua obra maior, é composto por nove unidades bastante curtas). Também típico, é seu uso das técnicas contrapontísticas da Renascença ao serviço de uma harmonia rica, tradicional em Fauré e Ravel. Executada como um conjunto, os *Quatro Motetos* têm uma forma clássica, atingindo seu clímax na terceira moteto (“*Tu es Petrus*”), em seguida, em “*Tantum ergo*”, retornando ao clima de contemplação previamente estabelecido no “*Ubi caritas*”. O texto de “*Ubi caritas*”, “*Onde há afeição e ternura, Deus aí está*”, é uma Antífona geralmente cantada na quinta-feira santa durante a lavagem dos pés. Este é o mais famoso dos motetos e um exemplo do melhor, do estilo de Duruflé: flexibilidade rítmica, forte escrita e uma rica harmonia fornecem um plano de fundo sereno para a melodia do canto. A frase de abertura retorna brevemente no final (Duruflé, como Chopin e outros compositores que tendiam a composições mais curtas, geralmente compunham em compasso ternário), direcionando a um “Amém” final. “*Tota pulchra es*” (“*Toda formosa sois*”) é um agrupamento de antífonas da festa da Imaculada Conceição da Virgem Maria e é cantada apenas por sopranos e contraltos. A melodia de abertura serve como uma espécie de refrão, voltando a ele duas vezes. O ritmo é um pouco mais rápido do que em “*Ubi caritas*” e direciona ao climático terceiro moteto. “*Tu es Petrus*” (“*Tu és Pedro*”) é o mais curto dos motetos, e é uma ambientação do episódio onde Jesus renomeia seu discípulo Simão para a palavra grega “Petrus” (“pedra”) e, em seguida diz: “*sobre esta pedra construirá minha Igreja*” (Mateus 16: 18). Esta última frase é indicada três vezes na obra de Duruflé, talvez refletindo as posteriores

três negações de Pedro. “Tu es Petrus” é muito mais rítmico do que os outros motetos e constrói um barulhento clímax. Em “*Tantum ergo*” (“*A um Sacramento assim tão grande*”), os dois últimos versos do hino eucarístico “Pange lingua” tradicionalmente atribuído a São Tomás de Aquino, o canto é cantado em notas longas pelos sopranos. A melodia é imitada e variada pelos tenores, enquanto as outras vozes são compostas com maior liberdade, com um efeito semelhante ao *cantus firmus* de cantos do período renascentista. Não há qualquer “acidente” (notas fora da tonalidade em que estão escritas) e pouca tensão harmônica. Este moteto, como o “*Ubi caritas*”, termina pacificamente em um acorde grave com a palavra “Amém”.

Mario Castelnuovo-Tedesco

(Florença, Itália, 3 de abril de 1895 – Los Angeles, Estados Unidos da América, 17 de maio de 1968)

Compositor e pianista italiano nacionalizado americano. Estudou no Conservatório de Florença com E. del Valle Paz (piano) e com I. Pizzetti (composição). Foi um prolífico compositor que cultivou todos os gêneros, transformando-se em um dos máximos representantes da música italiana contemporânea. Em 1939, emigrou para os Estados Unidos da América, onde residiu primeiro em Larchmont (Nova York) e a partir de 1940 em Beverly Hills (Califórnia). Desde 1946, foi professor de composição no Conservatório de Los Angeles. Criou várias partituras para filmes, ainda que muitas delas estejam sem publicação. Na longa lista de suas obras publicadas predominam a música para teatro, onde se pode incluir cinco óperas (duas baseadas em obras de Shakespeare e outra baseada na obra *The Importance of Being Earnest*, de Oscar Wilde), quatro balés e música ambiental. Em sua produção orquestral se incluem aberturas para várias obras de Shakespeare, concertos para violino, para piano, violoncelo e violão, instrumento que aparece em várias de suas obras, como em um *Quinteto* para cordas e em uma *Sonata* com flautas. No campo da música de câmara compôs dois quintetos para piano, um concertino para harpa e quarteto de cordas, dois trios para piano e sonatas para violino, clarinete,

trompete e contrabaixo. Em suas canções também utilizou com frequência temas de Shakespeare.

Romancero Gitano para Coro Misto e Violão, Op. 152

é uma obra de 1951 sobre textos de Federico García Lorca. A exclusiva combinação de coro e violão nunca assustou Castelnuovo-Tedesco que – na verdade – nos parece extremamente confortável em lidar com a composição de música para violão em um contexto musical. Composta a pedido do violonista Siegfried Behrendt, o *Romancero Gitano* dá ao autor uma chance de dar ao violão um tapete de som perfeito no qual desvenda os belos versos de Lorca (que, apesar do título, são da coleção de poemas do *Cante jondo* 1921/1925). O quarteto vocal é tratado de uma maneira madrigalística e o violão pode colorir harmônica e ritmicamente as sete canções. Algumas músicas também são emolduradas por pequenos prelúdios e pós-lúdio. O ponto mais alto do ciclo é a doce canção *Memento* baseada em um poema curto de Lorca, que Castelnuovo-Tedesco amava e considerava como um epítáfio pelo amor que nutria no confronto entre a guitarra e a Espanha. Em *Romancero gitano*, aparece cada vez mais o grau de familiaridade que Castelnuovo-Tedesco tinha com a música popular espanhola: melodias, ritmos e harmonias – que são típicas de canto *jondo* – musicando os versos de García Lorca com surpreendente naturalidade e espontaneidade. O encanto deste trabalho parece aprofundar suas raízes em um universo remoto, onde o compositor disfarçadamente evoca antigas memórias.

Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba

PIANO, TROMPETE E O SÉCULO XX

10 JUNHO SEX 20h
11 JUNHO SÁB 18h30

Local Capela Santa Maria Espaço Cultural

Solistas*

Piano **Olga Kopylova** (p. 47)

Trompete **Flávio Gabriel** (p. 47)

Regente* **Rodrigo de Carvalho** (p. 47)

PROGRAMA

Witold Lutoslawski (1913-1994)

Abertura para Cordas (1949) 5" ()*

André Jolivet (1905-1974)

Concerto para Trompete, Piano e Cordas (1948) 10" ()*

1. Allegro
2. Meno vivo
3. Allegro

Nino Rota (1911-1979)

Concerto para Cordas (1964) 18" ()*

1. Prelúdio (Allegro ben moderato e cantabile)
2. Scherzo (Allegretto comodo)
3. Aria (Andante quasi adagio)
4. Finale (Allegrissimo)

Dmitri Shostakovich (1906-1975)

Concerto nº 1 em Dó maior para Piano, Trompete e Cordas, Op. 35 (1933) 22"

1. Allegretto
2. Lento
3. Moderato
4. Allegro con brio

(*) Estreia OCCC

Witold Lutosławski

(Varsóvia, Polônia, 25 de janeiro de 1913
– Varsóvia, Polônia, 9 de fevereiro de 1994)

Foi o mais famoso compositor polonês desde Chopin. Desenvolveu as suas técnicas sob a censura e repressão do regime nazista e estalinista. Fez uso do dodecafonismo e técnicas aleatórias. Estudou piano, violino e técnicas de composição com Witold Maliszewski, que tinha sido aluno de Rimsky-Korsakov. Durante a Segunda Guerra Mundial conseguiu sobreviver tocando piano em bares de Varsóvia. Foi perseguido pelo regime estalinista pelas suas composições serem consideradas “elitistas”. Na década de 1980 apoiou o movimento político *Solidariedade*. O seu primeiro e importante trabalho orquestral foram as “Variações Sinfônicas” (1939). A sua música inicial tem influência do folclore polaco, a qual transformava modificando as melodias e harmonias. Escreveu quatro sinfonias, numerosas obras de música de câmara, pequenas composições como tangos, valsas e foxtrots. A sua obra mais conhecida é o Concerto para orquestra (1954).

Esta composição de 1949 foi escrita logo após a notória Conferência de Lagow do modernismo musical, que foi o momento em que a Polónia adotou as mesmas regras proclamadas por compositores soviéticos sob o regime de Stalin em 1948. Esta **Abertura para Cordas** foi estreada na Checoslováquia pela Orquestra Sinfônica da Rádio de Praga. Apesar das críticas do partido comunista, esta composição mostra que Lutoslawski continua avançar precocemente seu estilo para o modernismo. O fato é que em alguns aspectos ele segue o exemplo de Béla Bartók, cuja música tendia a ser aprovada porque era baseada em música folclórica, sem dúvida que isto também ajudou Lutoslawski a conseguir a aceitação desta peça. A abertura é bastante abstrata e talvez demasiadamente profunda em suas técnicas. Por um lado, ele usa um modo sintético de dois padrões de quatro notas, cada um sepa-

rado por dois tons inteiros e mais meio tom. Até agora isto é como uma descrição de uma escala em tonalidade maior, que é um par destes padrões separados por outro tom inteiro. No entanto, aqui os padrões são separados por um meio tom. Na tonalidade de Dó, é como se, no meio, a escala de repente caísse na tonalidade de Fá# (Fá sustenido). Além disso, a peça é quase que obsessivamente toda construída em torno de um motivo de quatro notas, Si-Lá#-Sol#-Lá, que se repete por 132 vezes em 5 minutos.

André Jolivet

(Paris, França, 8 de agosto de 1905
– Paris, França, 20 de dezembro de 1974)

Estudou pintura, depois, sonhou com o teatro (montava e interpretava espetáculos dramáticos), antes de se dedicar à música. Os seus estudos musicais, começados na Escola Normal, continuaram com Paul de Flem e Edgar Varese. O primeiro ensinou-lhe as disciplinas clássicas com uma inteligência e um liberalismo esteticamente incomparáveis; o segundo, pioneiro na música “experimental”, iniciou-o nas leis da acústica e nos sortilégios da orquestra. Em 1935, logo após os estudos, Jolivet compôs uma obra magistral, revolucionária, onde se afirmou desde logo, o seu estilo muito pessoal: *Mana*, suite de 6 peças curtas para piano, apresentadas ao público pouco depois, num dos primeiros concertos da Spirale. Esta associação de música de câmara, fundada por Messiaen e Lesur, deu origem, no ano seguinte, ao grupo Jeune France, graças à intervenção de Baudrier. Em 1943, Jolivet foi chamado para dirigir a música de Honegger para as representações de Soulier de satin na Comédia Francesa, onde seria diretor de música durante quinze anos (1945-1960). A partir de 1960, dirigiu em Aix-en-Provence um conservatório internacional dedicado ao ensino superior da música, num espírito deliberadamente aberto a todas as pesquisas musicais do nosso tempo. Jolivet morreu em Paris, em 20 de dezembro de 1974.

Um dos meus “balés para trompete”, é assim como Jolivet apelida o presente trabalho e seu Concerto n.º 2 para trompete. Este **Concertino para trompete, piano e cordas** foi composto em 1948 (e na verdade foi realmente coreografado). Este trabalho de dez minutos é dividido em quatro seções; o vigor propulsivo de seus primeiros minutos, com seu humor negro e síncopas jazzísticas nos conduz a uma seção central mais lânguida. As compilações de energia, mais uma vez, com ritmos animados e um ligeiro toque de jazz, o trabalho é concluído com um brilhante final. Durante e após a segunda guerra mundial, Jolivet, menosprezando o retiro mundial de grandes audiências praticado por muitos de seus contemporâneos importantes, virou-se para um estilo recém-acessível, acrescentando os ritmos cheios de movimentos de Bartók a um conjunto de influências estilísticas que incluíam Messiaen e Varèse, cultivando uma estrutura harmônica basicamente tonal e continuando a perseguir sons exóticos. O presente Concertino encapsula ordenadamente todas essas características.

Giovanni Rota Rinaldi

(Milão, Itália, 3 de Dezembro de 1911
– Roma, Itália, 10 de Abril de 1979)

Mais conhecido como Nino Rota, foi um compositor célebre por suas composições executadas no cinema. Ficou conhecido por ter composto a música dos filmes de Federico Fellini, Luchino Visconti, Francis Ford Coppola e Franco Zeffirelli. Nascido em Milão em 1911, no seio de uma família de músicos, Nino Rota foi inicialmente estudante da Orefice e Pizzetti. Ainda criança, mudou-se para Roma onde terminou os seus estudos no conservatório de Santa Cecilia em 1929 com Alfredo Casella. Entretanto, tornou-se um “enfant prodige”, famoso tanto como compositor quanto como maestro. A sua primeira atuação, “L’infanzia de San Giovanni Battista”, foi realizada em Milão e Paris no ano de 1923, e a sua comédia lírica, “Il Principe Porcaro” foi composta em 1926. De 1930 a 1932, Nino Rota viveu nos Estados Unidos da América. Ganhou uma bolsa de estudo no *Curtis Institute of Philadelphia*, onde frequentou as aulas de composição de Rosario Scalero e as aulas

orquestrais dadas por Fritz Reiner. Regressou à Itália onde se licenciou em literatura na Universidade de Milão. Em 1937, iniciou a sua carreira docente que o levou à direção do conservatório de Bari, um título que manteve de 1950 até a data do seu falecimento em 1979. O seu trabalho no mundo do cinema data desde os anos 40. A filmografia inclui nomes de praticamente todos os realizadores notáveis da sua época, dos quais se eleva destacadamente o nome de Federico Fellini. Rota compôs para todos os filmes de Fellini, desde o “*The White Sheik*” de 1952, até o “Ensaio de Orquestra”, de 1979. A lista dos outros realizadores inclui os nomes de Renato Castellani, Luchino Visconti, Franco Zeffirelli, Mario Monicelli, Francis Ford Coppola, King Vidor, René Clément, Edward Dmytryk e Eduardo de Filippo. Também compôs a música de várias produções teatrais de Visconti, Zeffirelli e de Filippo.

O **Concerto para Cordas (1964-65)** é extremamente engenhoso, em uma forma barroca enraizado no estilo clássico do século XIX, e em quatro movimentos. O Concerto é um trabalho bastante suave, gracioso, excepcionalmente agradável e bem projetado, mas infelizmente parece uma obra muito curta com duração de pouco mais de quinze minutos. Calmas melodias temáticas são exibidas ao longo da obra, sendo que nenhuma sequer é emprestada de algum seus filmes. O espirituoso galope final exige grande virtuosismo da orquestra. Este trabalho é o resultado de um estilo de escrita da maturidade musical dos anos 60 de Rota. Ele estava no auge de sua popularidade e decidiu reduzir a sua produção de partituras para filme, (naquela época produzia dez por ano) e dedicou mais tempo a “outra” música, a música “séria”.

Dmitri Dmitriyevich Shostakovich

(São Petersburgo, União Soviética, 25 de setembro de 1906 – Moscou, União Soviética, 9 de agosto de 1975)

Foi um dos mais célebres compositores do século XX. Shostakovich ganhou fama na União Soviética graças ao mecenato de Mikhail Tukhachevsky, chefe de pessoal de Leon Trotsky, tendo mais tarde uma complexa e difícil relação com a burocracia estalinista. Sua música foi oficialmente denunciada duas vezes, em 1936 e 1948, e foi periodicamente banida. Não obstante, ele recebeu alguns prêmios e condecorações estatais e serviu na *Soviète* Supremo da Rússia. Apesar das controvérsias oficiais, seus trabalhos eram populares e bem recebidos pelo público. Após um período influenciado por Sergei Prokofiev e Igor Stravinsky, Shostakovich desenvolveu um estilo híbrido, como exemplificado pela sua ópera *Lady Macbeth do Distrito de Mtsensk* (1934). Esta obra individual justapõe uma variedade de tendências, incluindo o estilo neoclássico (mostrando a influência de Igor Stravinsky) e o estilo pós-romântico (após Gustav Mahler). Recebeu do Partido Soviético as mais altas recompensas e distinções, ocupou cargos importantes e acabou identificado como o grande compositor oficial do regime. Esta imagem, entretanto, foi refutada em suas memórias póstumas, em que se revela um Shostakovich dono de uma personalidade tão dual como a sua própria e vasta obra: de um lado os fortes e mais originais achados e, de outro, um academismo previsível em obras de encomenda.

O *Concerto em Dó menor para Piano, Trompete e Orquestra de Cordas, op. 35*, foi concluído por Dmitri Shostakovich em 1933 e estreou no mesmo ano, com o compositor ao piano e a Orquestra Filarmônica de Leningrado. Apesar do título, é um verdadeiro concerto para piano em vez de um duplo concerto no qual o trompete e piano tem igual preeminência. As peças de trompete frequentemente assumem a forma de interjeições sarcásticas, fermentam o humor e a sagacidade das partes de transição do piano. O concerto é composto por três ou quatro movimentos, dependendo da interpretação, pois o Moderato, por vezes, é visto como uma passagem introdutória para o Allegro con brio e não como um movimento separado. No entanto, ele é geralmente considerado para ser o terceiro dos quatro movimentos, pois a ambientação dos dois é muito diferente. Algumas gravações apresentam apenas três movimentos, com o último marcado como Moderato-Allegro con brio. Este concerto é realmente espetacular. Era uma boa época para os concertos para piano. O de Ravel aparecera um ano antes, assim como o 5º de Prokofiev. É coincidente que os três sejam alegres, luminosos e divertidos. O primeiro movimento é muito melódico e gentil, os dois centrais lentos e o último capaz de provocar gargalhadas. A participação de um trompetista meio espalhafatoso é fundamental, assim como de um pianista que possa fazer rapidamente a conversão entre a música de cabaré e a música militar exigidas no último movimento. Não há pontos baixos neste maravilhoso concerto, que ainda traz, em seu segundo movimento, um lindíssimo solo para trompete, além de uma cadência esplêndida, de ecos beethovenianos.

Coro da Camerata Antiqua de Curitiba

DE BATUQUE E ACALANTO

17 JUNHO SEX 20h
18 JUNHO SÁB 18h30

Local Capela Santa Maria Espaço Cultural



Solistas*

Percussão **Djalma Correa** (p. 48)

Sopranos **Darci de Almeida** (p. 48)

Mezzo-soprano **Fátima Castilho** (p. 48)

Tenor **Alexandre Mousquer** (p. 49)

Baixo **Marcelo Dias** (p. 49)

Regente* **Angela Pinto Coelho** (p. 49)

Participação **Madrigal Vocale** (p. 49), Regente **Bruno Spadoni** (p. 50)

Percussão convidados

Alexandre Schimmelpfeng

Luis Fernando Diogo

Vina Lacerda

PROGRAMA

Carlos Alberto Pinto Fonseca (1933-2006)

Missa Afro-Brasileira (de Batuque a Acalanto) para Solistas, Coro Misto a Cappella (1971) () 40"*

1. Kyrie
2. Christe
3. Kyrie II
4. Glória
5. Nós Vos louvamos
6. Gratias agimus
7. Quoniam
8. Credo
9. "E se encarnou" (Et Incarnatus)
10. Et unam sanctam
11. Et vitam
12. Amen
13. Sanctus
14. Hosanna
15. Benedictus
16. "Bendito aquele" (Benedictus II)
17. Hosanna
18. Agnus Dei
19. Dona nobis

(*) Estreia CORO da CAC

O Compositor

Carlos Alberto Pinto Fonseca

(Belo Horizonte, Minas Gerais, 7 de junho de 1933 – Belo Horizonte, Minas Gerais, 27 de maio de 2006)

Desde criança já se interessava pelas artes, em geral. Seu primeiro contato foi através das artes plásticas, através das aulas que teve com a renomada escultora belga Jeanne Louise Milde, nos anos de 1945 e 46. A mencionada artista integrou a histórica Missão Pedagógica Europeia, que veio para Belo Horizonte em 1929, a convite do então presidente de Minas Gerais, Antônio Carlos de Andrada. Mas desde os 7 anos já estudava piano, com a professora Jupyra Duffles Barreto. Decidido a se tornar um músico profissional, após assistir a um filme sobre a vida de Chopin, passar a ter aulas com o Professor Pedro de Castro, que o preparou para ingressar no então Conservatório Mineiro de Música, o que veio a ocorrer em 1952. Ali foi aluno dos professores Hostílio Sa-

res (Harmonia), Luis Melgaço (ditado/solfejo/história da música) e também de Pedro de Castro (piano). Concluiu o curso em 1956, formando-se como professor de música. Paralelamente, frequentou, entre 1954 e 1956, os Seminários de Música da Bahia, ministrados por Hans Joachim Koellreutter (Contraponto, Fuga, Harmonia, Regência Coral e Regência Sinfônica) e os cursos de férias da Escola Livre de Música da Pró-Arte, em São Paulo, entre 1955 e 56. Ainda em 56 se mudou para a Bahia, ao ingressar na Escola de Música da Universidade Federal daquele estado, onde se formou em regência, em 1959. De volta ao Brasil, em 1962, assumiu, a convite do Maestro Sergio Magnani, então Regente Titular do Coro da União Estadual de Estudantes de Minas Gerais, a

regência do mesmo, que posteriormente, em 1964, veio a se integrar à Universidade Federal de Minas Gerais sob o nome de Ars Nova, Coral da UFMG, que Carlos Alberto fundou e regeu, por 41 anos. Carlos Alberto também foi Regente Titular e fundador da Orquestra de Câmara da Universidade Federal de Minas Gerais, de 1965 até a sua extinção, em 1974, e da Orquestra de Câmara do "Modern American Institute". Além disso, tomou posse em 1981, como Regente Titular da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, após ter sido aprovado em concurso público para o cargo mencionado, posição que ocupou por dois anos, até pedir exoneração, por motivos pessoais. Como regente convidado, esteve à frente das principais orquestras brasileiras, no Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Como professor, Carlos Alberto Pinto Fonseca foi um dos fundadores do Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais, cuja primeira edição ocorreu em Ouro Preto, em 1967. Foi professor de regência e Regente Titular do Coro do Centro de Formação Artística da Fundação Clóvis Salgado – Palácio das Artes.

A Obra

Missa Afro-Brasileira (de Batuque a Acalanto)

O sincretismo religioso é a demonstração de luta de milhares de negros mantidos nos cativeiros do Brasil. Impedidos de expressar sua devoção às divindades de seus ancestrais, os escravos buscavam na fusão da religião católica com os ritos africanos, um mecanismo de fuga à dominação do homem branco. O sincretismo é, antes de tudo, um grito de libertação religiosa. Consequência de um momento tão peculiar na História do Brasil, o sincretismo perdura até os nossos dias, revelando a força da memória e dos costumes. Segundo Carlos Alberto Pinto Fonseca, desde que o Papa João XXIII encorajou o uso da música folclórica e popular na liturgia católica, ele desejou compor uma missa brasileira, empregando a mesma linguagem coral, baseada no folclore brasileiro usado em seus arranjos e composições. O resultado foi a Missa Afro-Brasileira (de batuque e acalanto), que reflete com energia a conflituosidade do movimento sincrético. Ao abolir as barreiras entre a música

sacra e profana, entre música erudita e popular, o autor também escapa aos padrões estabelecidos nas composições eruditas. Retrata a força primitiva e o impulso quente do ritmo africano, combinando a ternura do acalanto com as formas populares como "marcha-rancho" e "samba-canção", empregando também os modos nordestinos.

A Missa é mais extensa que o usual, pois foi usado o texto oficial da Igreja Católica no ano de sua composição, 1971. A obra é cantada em português e latim, em superposição ou alternância dos idiomas. O primeiro possui sons brandos e consoantes suaves, e é empregado nas melodias ternas. A sonoridade e articulação do latim são reservadas para as partes e para os ritmos afro, em seus efeitos percussivos. Brasil abriga contrastes e misturas; o novo, lado a lado com o velho; arquitetura moderna coexistindo com o estilo colonial das igrejas. Refletindo todos esses aspectos e mantendo uma unidade estrutural, o autor emprega um tema básico, revestido, a cada vez, de nova harmonia. Esse tema é desenvolvido de forma mais narrativa no Credo. Há também inter-relações entre partes como o Christe e o Sanctus. Existe um sentimento de tristeza, de profunda saudade na música brasileira, especialmente no "samba-canção". Essa forma aparece no ponto mais dramático da Missa: "Também foi crucificado", onde o tenor-solo "chora" em samba-canção, e o coro acompanha, imitando os instrumentos de um "chorinho". Esta parte relaciona-se formalmente com o "Cordeiro de Deus", também samba-canção, com tenor solista. A atmosfera do "Dona Nobis Pacem" assemelha-se à de "E Paz na Terra aos Homens de Boa Vontade", do Glória. Mas não se poderia terminar a "Missa" neste ambiente angelical. Quebrando esse clima de "céu", surge o brado forte clamando "Agnus Dei", um grito final de misericórdia e clamor a Deus.

Camerata Antiqua de Curitiba

A VIRTUOSA ÓPERA BARROCA

01	JULHO	SEX	20h
02	JULHO	SÁB	18h30

Local Paróquia Bom Pastor
Capela Santa Maria Espaço Cultural

Solista* Contratenor **Marconi Araújo** (p. 50)
Regente* **Beatriz De Luca** (p. 50)
Cravo* **Clenice Ortigara**



PROGRAMA

Georg Frideric Handel (1685-1759)

da Ópera Agrippina, HWV6 (1709) – Coro “Di timpani i trombe” 2” (*)
da Ópera Flavio, HWV16 (1723) – Coro “Doni pace ad ogni core” 2” (*)
da Ópera Rinaldo, HWV7 (1711) – Aria “Venti, turbini, prestate” 4” (*)
da Ópera Rinaldo, HWV7 (1711) – Aria “Cara Sposa” 10” (*)
da Ópera Rodelinda, HWV19 (1725) – Aria “Vivi, tiranno” 6” (*)
da Ópera Imeneo, HWV41 (1738) – Coro “Vien Imeneo fra voi” 2” (*)
da Ópera Imeneo, HWV41 (1738) – Coro “Se consulta il suo dover” 3” (*)

Antonio Vivaldi (1678-1741)

do Oratório Juditha Triumphans, RV633 (1716) - Aria “Armatae face et anguibus” 3” (*)
da Ópera Farnace, RV711 (1727) – Aria “Gelido in ogni vena” 11” (*)

Georg Frideric Handel (1685-1759)

da Ópera Arianna, HWV32 (1733) – Aria “Qui ti sfido” 4” (*)
da Ópera Scipione, HWV20 (1726) – Coro “Faranno gioia intera vittoria” 3” (*)
do Oratório Semele, HWV58 (1744) – Coro “Bless the glad earth with heav”nly lays” 3” (*)
da Ópera Giulio Cesare, HWV17 (1724) – Aria “Empio diro tu sei” 4” (*)
da Ópera Tolomeo, HWV25 (1728) – Aria “Stille Amare” 6” (*)
da Ópera Agrippina, HWV6 (1709) – Aria “Come Nube” 3” (*)
da Ópera Orlando, HWV31 (1733) – Coro “Trionfa oggi”l mio cor” 2” (*)

(*) Estreia CAC

“I Castrati” nas óperas e oratórios

O cantor conhecido na Europa como castrato floresceu durante a primeira metade do século XVII e foi o rei dos palcos de ópera até o fim do século XVIII, quando rapidamente desapareceu dos palcos europeus. Por duzentos anos o castrato foi o cantor mais desejado, admirado e invejado tanto na ópera como na igreja. O fenômeno da castração por motivos médicos já era conhecido na renascença, e foi dentro da igreja que o menino castrado pode se desenvolver artisticamente para se tornar um grande cantor. A voz do castrato sempre foi reconhecida como especial, tendo qualidades bem diferentes do falssetista, do menino sopranino e das cantoras, pois dispunha de uma laringe que mal se desenvolveu além do tamanho infantil em um corpo de homem que com a falta de testosterona tendia a crescer ainda mais que a média da época. Geralmente os meninos escolhidos para a operação de castração eram oriundos de famílias muito pobres, que tinham assim oportunidades melhores de vida se fossem criados num asilo para crianças especializado em música, um conservatório. Nápoles foi uma das cidades que se tornou um centro de exportação de *castrati*. Os meninos desses conservatórios eram submetidos a uma rigorosa disciplina de estudos diários de canto, cravo e composição durante até dez anos e então se formavam e eram absorvidos pelo mercado de ópera se fossem bons. Os que não tinham esta sorte terminavam seus dias em coros de capelas de cidades pequenas. Com o desenvolvimento da ópera no século XVII, o compositor barroco percebeu o potencial desta voz comumente usada nos coros de igreja. Por terem uma voz mais potente e com um timbre mais redondo do que os falssetistas da época, os *castrati* rapidamente se transformaram em sensação na Itália e começaram inclusive a ser exportados para outros países. Compositores de ópera barroca, como **Handel** e **Vivaldi**, tinham predileção por estas vozes. No barroco, a estética

ordenava que todas as vozes heróicas, românticas, nobres ou mitológicas fossem agudas, predileção certamente aprovada pelo público. Aos *castrati* cabiam os papéis principais de todas as óperas, com seu porte majestoso e voz angelical. Às vezes os *castrati* também interpretavam os papéis femininos, mas frequentemente estes papéis eram interpretados por sopranos e mezzo-sopranos. Graças ao seu controle sobre a técnica vocal, eles adoravam incluir cadências próprias, improvisos e toda sorte de ornamento durante as apresentações. A partir do século XIX, a prática da castração caiu em desuso não só pelos motivos óbvios de humanidade, mas também porque o gosto em relação às vozes mudou. Rossini ainda declarou que adorava as vozes dos *castrati*, mas já em sua época os compositores começaram a escrever para tenores e barítonos. A partir de meados do século XX, a pesquisa de música barroca recuperou este repertório e hoje em dia temos excelentes contra-tenores e mezzo-sopranos que interpretam este repertório com classe, técnica e brio, ficando nada a dever aos compositores. Quanto a uma possível comparação com os *castrati*, é impossível saber. O repertório deste concerto se concentra principalmente em Handel, que viveu a maior parte de seu período produtivo em Londres. Alguns dos maiores *castrati* de todos os tempos viveram naquela época e estrearam óperas de Handel, como Senesino, Caffarelli e Berenstadt. As árias são oriundas de algumas das óperas de maior sucesso na época, como **Agrippina**, **Rodelinda** e **Giulio Cesare**. Handel frequentemente trazia os cantores diretamente da Itália, e o público inglês preferia ouvir a suavidade da língua italiana acompanhando a ópera pelo libreto. Depois que Handel foi forçado a parar de escrever ópera, ele começou a escrever oratórios como **Semele** em língua inglesa. Algumas das árias apresentadas são excelentes exemplos do estilo da escrita para os *castrati*. “**Stille Amare**”

o personagem-título da ópera **Tolomeo**, cantado por Senesino em 1728. Senesino, um castrato contralto, era então o cantor mais popular da Inglaterra. Ele foi considerado um dos maiores cantores de seu tempo e certamente um dos maiores que já existiram, sendo apenas eclipsado pela fama do todo-poderoso Farinelli, que nunca chegou a cantar para Handel. Nesta ária, Handel cria uma deliciosa surpresa na parte *da capo* (a repetição da primeira parte, característica das árias barrocas), quando **Tolomeo**, tendo bebido uma poção do sono, cai dormindo no meio da ária. Outra ária de destaque é “**Ombra Mai Fu**”, da ópera **Xerxes**. Cantada pelo personagem-título, esta arieta que abre a ópera ficou muito famosa nos anos subsequentes à estreia de 1738 por ter sido transformada numa peça avulsa de sucesso conhecida como “Handel’s Largo”. “**Cara Sposa**”, da ópera **Rinaldo**, é outra ária importante do repertório dos *castrati*. Esta foi a primeira ópera de Handel escrita para o público londrino, em 1711. O libreto foi baseado em *Gerusalemme Liberata*, de Torquato Tasso, um dos temas mais adaptados durante a época barroca. A ópera foi um grande sucesso, devido não somente à música de Handel, mas aos efeitos espetaculares de cena e à presença marcante do *castrato* Nicolini no papel principal.

Prof. Dr. Luciano Simões

Universidade de Campinas, UNICAMP

Currículos

SOLISTAS E REGENTES 1º SEMESTRE DE 2011

Marlui MIRANDA

Compositora e Cantora (Ceará - São Paulo)

Nascida em Fortaleza e criada em Brasília, mudou para o Rio de Janeiro na década de 70 e estudou violão clássico com professores renomados como Turbido Santos, Paulo Bellinati e outros. Ganhou bolsa de uma instituição nova-iorquina e realizou um projeto de preservação e recriação da música indígena da Amazônia brasileira. Cantora, compositora e pesquisadora, é reconhecida por interpretar, difundir e valorizar a cultura e a música indígena do Brasil. Recebeu os prêmios da Academia Alemã de Crítica (SchallplattenKritik) em 1996 pelo CD "IHU, Todos os Sons"; o Prêmio Chico Mendes de Meio Ambiente, do MMA em 2005; e a Ordem do Mérito Cultural do MINC em 2002. Trabalhou com Hector Babenco/Saul Zaentz (Amadeus, The English



Patient) no filme de longa-metragem "Brincando nos Campos do Senhor" em 1992. Recebeu a bolsa da The John Simon Guggenheim Memorial Foundation para seu projeto de pesquisa e composição "IHU, a Preservação e Recriação da Música Indígena do Brasil" em 1986 e pelo Map Fund – The Rockefeller Foundation em 1995, para a première do projeto "IHU".

Jacqueline DAHER

Direção Cênica (Paraná)

Artista plástica, natural de Curitiba, atua há mais de 26 anos como diretora de arte na criação de ambientes cenográficos na área de vídeo, cinema, eventos culturais, artísticos, sociais e corporativos em todo o país. A vivência com o teatro iniciou em 1983, quando fundou, com Raul Cruz, a Cia das Índias de Teatro com uma proposta de pesquisa experimental passando a desenvolver uma linguagem onde todos os sentidos se fundem para facilitar a absorção da vida pela maneira mais direta, a estética. A companhia produziu vários espetáculos de sucesso até 1994. A partir desta experiência, pas-

sou a conceber e dirigir shows para grupos instrumentais e cantores de música brasileira. Em 2008, participou do 8º World Symposium on Choral Music, em Copenhague – Dinamarca, fazendo a direção cênica de dois concertos, Cores do Brasil e Lampejos da Música Sacra Brasileira, ambos apresentados pelo Coro da Camerata Antiqua de Curitiba. Em junho de 2009, esteve no 18º Festival Corale Internazionale "La Fabbrica Del Canto" dirigindo o Coro da Camerata em quatro distintos programas cênicos.



Wagner POLISTCHUK

Regente (São Paulo)

Atualmente Diretor Artístico da Camerata Antiqua de Curitiba, Wagner Polistchuk foi Regente Adjunto da Orquestra Sinfônica de Santo André nos anos de 2007 e 2008 e também Diretor Artístico e Regente Titular da Sinfônica da Universidade Estadual de Londrina em 2003 e 2004. Tem se apresentado à frente de importantes orquestras brasileiras como a OSESP, as sinfônicas do Theatro Municipal de São Paulo, da USP, da Bahia, a Amazonas Filarmônica, do Teatro Nacional de Brasília e de São Bernardo do Campo, e também no exterior, como a Sinfônica de Mendoza na Argentina, a Sinfônica Nacional de Lima no Peru e a Hermitage Orchester, na Suíça. Desde 1985 ocupa a posição de trombone solo da



OSESP. Em 1990, especializou-se como solista na Alemanha com Branimir Slogar, um dos mais conceituados professores de trombone da atualidade. No Brasil, paralelamente as atividades como trombonista, iniciou estudos de regência, tendo como primeiro professor o Maestro Eleazar de Carvalho. Outros maestros contribuíram para a sua formação, como Dante Anzolini, Ronald Zollmann, Andreas Spörri, Roberto Tibiriçá e Kurt Masur. Destacou-se em diversos concursos como o Internacional de

Trombones Giovanni Concertisti, em Porcia, Itália (1997), o V Concurso Latino-Americano de Regência Orquestral (1998) – obtendo o segundo lugar, o Concurso Internacional de Regência Prix Credit Suisse, em Grenchen, Suíça (2002) e no Concurso para Jovens Regentes Eleazar de Carvalho (2002), onde conquistou o primeiro lugar. Como regente tem dado especial atenção ao repertório contemporâneo, sendo responsável pela estreia brasileira de obras de importantes compositores do século XX, como James MacMillan, John Adams, Boris Tschaiakowsky, Gerald Finzi e Almeida Prado. Wagner Polistchuk é artista representante dos trombones *Conn-Selmer* tendo lançado o CD "Collectanea", com obras para trombone e piano de compositores brasileiros em primeiras gravações mundiais em 1999 e, em 2007, o CD "Versos Brasileiros", onde rega a Camerata Antiqua de Curitiba.

Marília VARGAS

Soprano (Brasil - Suíça)



Iniciou seus estudos de canto com Neyde Thomas aos doze anos de idade. Nessa época debutou no Teatro Guaíra, como o pastorzinho na Tosca. Formou-se em canto barroco na Schola Cantorum Basiliensis, Suíça, (2001). Especializou-se em Lied na classe de Christoph Prégardien, no Conservatório de Zurique (2005), onde foi laureada summa cum laude. Foi premiada no II Concurso Internacional de Canto Bidu Sayão e no VI Concurso Brasileiro de Canto Maria Callas. Em 2002, recebeu uma bolsa de estudos da fundação suíça Friedl Wald e, dois anos depois um prêmio da Margherite Meyer Stiftung. Apresentou-se como solista com diversas orquestras nacionais e internacionais. Tem divulgado a música brasileira no exterior apresentando-se na Embaixada do Brasil em Roma e no Consulado do Brasil em Milão. Na temporada de 2009, lançou o CD "Todo amor desta terra", com canções paranaenses, fruto de projeto aprovado pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Curitiba; cantou A Criação

de Haydn com a Orquestra Sinfônica Brasileira e a ópera Rosenkavalier com a OSESP, além de diversos concertos por toda a Europa.

Ariadne OLIVEIRA

Mezzo-Soprano (Paraná)



Natural de Curitiba, a mezzo soprano Ariadne Oliveira iniciou seus estudos musicais na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, graduando-se na Classe de Canto da renomada soprano Neyde Thomas. Através

de uma bolsa de estudos concedida pela Fundação VITAE, residiu na Europa de 2005 a 2007, onde aperfeiçoou-se com a mezzo-soprano Bianca Maria Casoni (docente da Accademia do teatro Alla Scala di Milano, Itália). Em Berlim, também fez aulas de aperfeiçoamento, com o barítono Roman Trekel, membro efetivo do Berliner Staatsoper, e professor da Hochschule für Musik Hanns Eisler (Berlim, Alemanha). Fez sua estreia em óperas no papel de Rosina, na ópera "O Barbeiro de Sevilha", no Theatro São Pedro, em São Paulo, no ano de 2005. Foi a grande vencedora na categoria feminina do "8º Concurso Internacional de Canto Bidu Sayão", edição 2008, tendo ganhado, além da classificação de melhor voz feminina, o prêmio especial "Melhor Intérprete de Canção". Natural de Curitiba, Ariadne Oliveira iniciou seus estudos musicais na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, na Classe de Canto de Neyde Thomas.

Sidney GOMES

Tenor (Goiás - Paraná)

Iniciou seus estudos musicais no Movimento Coral UCB da Universidade Católica de Brasília, sob a coordenação do Maestro José Luís da Silva, com quem estudou Violão Erudito e Teoria Musical. No Centro de Especialização Profissional/Escola de Música de Brasília – CEP/EMB estudou Canto Erudito com Francisco Frias e Piano Erudito com Roberto Rufino. Na Universidade de Brasília – UnB



estudou violão erudito com o violonista Eustáquio Grillo e harmonia, instrumentação e orquestração com os professores Renato Vasconcellos, Sérgio Nogueira, Edson Dias Carvalho e Mário Brasil. Fez sua estreia

no campo operístico no papel de Gherardo, Gianni Schicchi, sob a regência de Silvío Barbató, no Centro Cultural Banco o Brasil - CCBB. Participou como solista na montagem do poema sinfônico Estatutos do Homem de Cláudio Santoro, sob a regência de Emílio de César, também no CCBB. Atualmente cursa bacharelado em canto na Escola de Música e Belas Artes do Paraná - EMBAP.

Fernando KLEMMANN

Baixo (Santa Catarina - Paraná)

Iniciou seus estudos musicais com seu pai, Maestro Ervino Klemann na escola Luterana de Música. Estudou piano com Marco Aurélio Schmitt e contrabaixo acústico com Martinho Lutero Klemann. Formado em Regência Coral especializou-se na área do canto coral, participando de diversos cursos e oficinas de música em Curitiba, Itajaí, Jaraguá do sul e Brasília, onde participou da Convenção Internacional de Regentes de Coros. Participou e fez concertos no 8° Word Symposium on Choral Music em Copenhage / Dinamarca.



Fez concertos no FIMA 2007 no Algarve-Portugal. Participou do "La Fabbrica del Canto - 2009" em Milão-Itália. Regente titular dos Coros Melanchton (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), Coro Folhas e Brisas (Comunidade Católica Sagrada Família) e Regente assistente no Coral da Universidade Positivo. Como Cantor, atuou nas óperas "Chip and his dog" e "O fantasma de Canterville". Estudou canto com Ezequiel Domingues, Douglas Hann e Rio Novello. Em 2009, ingressou na Escola de Música e Belas Artes do Paraná no curso de bacharelado em Canto. É aluno da renomada soprano Neyde Thomas.

Luís Otávio SANTOS

Regente (São Paulo)

Formado em violino barroco pelo Koninklijk Conservatorium Den Haag, Holanda, onde recebeu o Diploma de Solista em 1996. Desde 1992 é spalla e solista da orquestra barroca "La Petite Bande".



Foi professor de violino barroco na "Scuola di Musica di Fiesole" em Florença, de 1997 a 2001, e no "Conservatoire Royal de Musique de Bruxelles", de 1998 a 2005. Em 2004 foi professor convidado na "Musik Hochschule" de Leipzig, na Alemanha. É o diretor artístico do "Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga de Juiz de Fora", neste evento é também regente da Orquestra Barroca do festival, que já gravou 10 CDs e um DVD com obras brasileiras e europeias, em registros inéditos no Brasil. Em 2007, Luis Otavio Santos foi agraciado com o título de Comendador da "Ordem do Mérito Cultural", concedida pelo Governo Federal e o Ministério da Cultura, por suas prestações em prol da cultura nacional e pelo reconhecimento à sua carreira internacional. Em São Paulo é coordenador do Núcleo de Música Antiga da EMESP, onde também é professor de violino barroco.

José Ananias LOPES

Flauta (Amapá - São Paulo)

José Ananias, um dos mais proeminentes flautistas brasileiros, nasceu no Amapá em 1958 e começou seus estudos musicais em São Paulo, onde se graduou em 1979 na Escola Municipal de Música sob a orientação de Jean Noel Saghaard. Em Paris estudou com Christian Lardé e Pierre-Yves Artaud.



Em 1985 ingressou na Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal de São Paulo, sendo desde 1986 flautista da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESF). Foi professor do

Conservatório de Tatuí e Desde 1990 é professor na Escola Municipal de Música de São Paulo. Atualmente é também professor de música de câmara da Academia de Música da Osesp. Sua discografia atualmente conta com 5 títulos. Seu último CD, lançado em agosto de 2007, pela gravadora Paulus, está inteiramente dedicado à música para flauta de Camargo Guarnieri e Francisco Mignone.

Sebastião INTERLANDI Jr.

Flauta (São Paulo - Paraná)

Iniciou seus estudos musicais aos treze anos no Conservatório Musical Brooklin Paulista. Neste mesmo ano começou a estudar flauta com Wilson Rezende e posteriormente com Jean Noel Saghaard, Tadeu Coelho,



Grace Andersen e Antonio Carrasqueira. Foi membro das orquestras jovens municipal e estadual de São Paulo, sob as regências de Jamil Maluf e John Neschling, respectivamente.

Terminando a Faculdade de Arquitetura Mackenzie, transferiu-se para Curitiba, após ser aprovado em primeiro lugar para Flautista Solo da OSP. Publicou, como articulista do jornal Folha do Paraná (Londrina) artigos sobre música e cultura. É primeira flauta da Orquestra a Base de Sopros de Curitiba. É Bacharel em música popular pela FAP. Foi o premiado idealizador e apresentador do programa Sarabanda, revista eletrônica sobre música, para a TVE, pelo qual recebeu o "VII Prêmio Saul Trumpet" de melhores da música no Paraná. Publicou o livro A Música Falada. Idealizou e produziu o primeiro DVD da OABS tendo como convidado o músico Arrigo Barnabé, distribuído pela Europa e Japão. Neste ano gravará DVD com Andre Mehari e OABS.

Mauricio AGUIAR

Spalla e Direção Musical (Paraná - EUA)

Primeiro violinista da Orquestra Sinfônica de Cincinnati a 14 anos, reside nos Estados Unidos desde 1991, onde cursou o Bacharelado em música na

Universidade de Cincinnati e o mestrado na Universidade Yale. Nessas universidades teve como professores de violino a célebre pedagoga Dorothy DeLay e Peter Oundjian, estudando também música de câmara com os Quartetos de Tóquio e LaSalle.

Enquanto na Universidade Yale, Maurício também concluiu a construção de seu primeiro violino, sob a tutela do luthier Michael Becker, no qual tocou seu



recital de formatura do mestrado e, em seguida, no bem-sucedido concurso para os primeiros violinos de Orquestra Sinfônica de Cincinnati. No Brasil, Maurício estudou com os violinistas Paulo Bosísio e Hildegard Martins, cujo trabalho lhe ajudou a vencer vários concursos nacionais. Como primeiro violino do quarteto Amernet, Maurício se apresentou em vários concertos importantes e séries de música de câmara pelos Estados Unidos, dentre eles, a Great Performances no Lincoln Center de Nova Iorque e a execução como solista do concerto para quarteto de cordas e orquestra de Martinu com a Orquestra Sinfônica de Cincinnati. Em 2001 voltou como solista dessa mesma orquestra sob a regência do regente espanhol Jesus Lopez-Cobos na execução da Tzigane de Ravel.

Davi SARTORI

Cravo (São Paulo - Paraná)

Pianista, arranjador e compositor, Davi Sartori é um músico que transita por áreas e gêneros musicais



diversificados. Frequentou o Curso Superior de Instrumento da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, na classe da professora Olga Kiün. Desde então tem frequentado assiduamente as Oficinas de Música de

Curitiba, recebendo orientação de importantes professores. Interessado em outros gêneros musicais, especialmente arranjo e composição, estudou durante três anos Harmonia e Análise Musical com o

Maestro Osvaldo Colarusso, além de integrar o curso de Música para Cinema ministrado pelo italiano Giovanni Luisi. Formou-se na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, em 2003, com o título de Bacharel em Piano. Posteriormente, ingressou na Orquestra À Base de Sopro do Conservatório de Música Popular Brasileira de Curitiba. Atualmente, dedica-se ao projeto “Variedades Contemporâneas” com os músicos Gabriel Schwartz, Gabriel Grossi, Julião Boêmio e Graciliano Zambonim. Projeto de CD autoral do qual assina a direção musical, parte das composições, arranjos, além de atuar como pianista.

Silvana SCARINCI

Teorba e Arquiálaude (Paraná)

Silvana estudou violão clássico com Álvaro Pierri e alaúde com Vincent Dumestre e Nigel North. Em 2001, fundou o grupo Anima Fortis, premiado pela associação norte-americana Early Music América em 2002. O grupo apresentou-se no Bloomington Early Music Festival (2001, Indiana) e Berkeley Early Music Festival (2002, Califórnia). Seu livro e CD Safo Novella: uma poética do abandono nos lamamentos de Barbara Strozzi recebeu excelente aceitação da crítica especializada. Foi uma das organizadoras da I e II Semana de Música Antiga da UFMG



(2007 e 2009); coordenadora artística da série Música Antiga no Casarão em Campinas, 2008 e da série Música no Deartes, desde 2010. A partir de 2009 tornou-se professora do curso de graduação e

pós-graduação em música da UFPR. Apresenta-se regularmente, no Brasil e exterior, ao lado de Marília Vargas, Paulo Mestre e a gambista canadense Joelle Morton. Apresentou, na Capela Santa Maria, o concerto: “Imagine: a canção inglesa de Purcell aos Beatles”. Dedicou-se também a apresentações de palestras-concertos, em que explora as vertentes de instrumentista e da musicologia.

Emmanuele BALDINI

Regente e Violino (Itália - Brasil)



Baldini é spalla da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo e membro do Quarteto de Cordas OSESP. Venceu o primeiro concurso internacional aos 12 anos de idade e, mais tarde, o Virtuosity de Genebra

e o primeiro prêmio do Fórum Junger Künstler de Viena. Em 2007 lançou o CD “Virtuoso” com obras para violino e piano de Sarasate, Kreisler, Tartini, Mignone entre outras. Foi spalla da Orquestra do Teatro Comunale de Bolonha e no Teatro Giuseppe Verdi de Trieste, atuando também como concertino na Orquestra do Teatro alla Scala, de Milão. Nascido em Trieste, Itália, iniciou os estudos de violino com Bruno Polli e em seguida aperfeiçoou-se na classe de virtuosidade de Corrado Romano em Genebra, com Ruggiero Ricci em Berlim e Salzburgo e, em música de câmara, com o Trio de Trieste e com Franco Rossi, violoncelista do Quartetto Italiano.

Fabiano Carlos ZANIN

Violão (Paraná)

Nascido em 1973 no Paraná. Formou-se em violão clássico e teoria musical pelo Conservatório de música Carlos Wesley. Iniciou os estudos na arte flamenca Com Yoshka Santa Ana, guitarrista cigano de



Sevilla-Espanha. Atuou ao seu lado em diversas turnês e espetáculos. Em 1998 viajou a Bogotá, Colômbia, onde trabalhou com renomados artistas flamencos entre eles Dario Arboleda e Tito Montes. Em 1999 participou da estreia da Ópera Sarapalha sobre texto de Guimarães Rosa, do compositor mineiro Hary Crowl, radicado em Curitiba. Em 2000 gradua-se na escola de Música e Belas Artes do Paraná no curso superior de instrumento “violão clássico”. Gravou como primeiro guitarrista o CD de

Música Flamenca, com a bailarina “La Morita” em “Mistérios Del Flamenco”. É Mestre em Musicologia pela USP (Universidade de São Paulo), e desde 2006 leciona violão na Embap (Escola de Música e Belas Artes do Paraná).

Eliane FAJIOLI

Regente (Minas Gerais)



Natural de Belo Horizonte, Eliane Fajoli é graduada em piano pela Fundação Mineira de Arte. Na Fundação de Educação Artística foi aluna de Eduardo Hazan, Berenice Menegale e Lily Kraft (piano), e de

Eládio Perez Gonzáles (canto). Especializou-se em regência coral com Carlos Alberto Pinto Fonseca, Osvaldo Colarusso e Sérgio Magnani. Foi professora das classes de Regência Coral, Música de Câmara e Canto Coral, e pianista acompanhadora das classes de Canto e Percepção Musical da Escola de Música da UFMG. Atualmente, é regente titular do Coral da Copasa, do Minas Tênis Clube e do coral Händel, além de regente assistente do Coral Lírico de Minas.

Olga KOPYLOVA

Piano (Rússia - Brasil)

Nascida em 1979, no Uzbequistão, república da extinta União Soviética, Olga Kopylova começou a estudar piano aos quatro anos com o pai. Aos seis, ingressou na Escola de Música de Uspensky, em Tashkent. Em 1994, transferiu-se para a Escola de Música do Conservatório Tchaikovsky, em Moscou, onde estudou com a renomada pianista Tatiana Galitskaia. Em 1997, foi admitida no Conservatório Tchaikovsky, sob a orientação de Ludmila Roshina e Mikhail Kollontai. Durante os anos de estudo no Conservatório, apresentou-se nas principais salas de concerto de Moscou e outras cidades russas, em recitais solo e de câmara. Olga Kopylova mudou-se para o Brasil em 1999, para assumir o posto de pianista titular da OSESP. Gravou e lançou o CD de piano solo “Estrela da Manhã” em 2003, no qual

interpreta obras de Prokofiev, Rachmaninov, Medtner e Scriabin. O disco foi recebido pela crítica especializada como um dos mais importantes lançamentos de música erudita do ano. Desde 2006 é orientada pelo pianista Arnaldo Cohen.



Flávio GABRIEL

Trompete (São Paulo)

Um dos mais destacados trompetistas de sua geração, Flávio Gabriel conquistou o 2º prêmio no Concurso Internacional de Música Primavera de Praga em 2010. O prêmio, inédito na história do trompete no Brasil. Principal trompetista da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre entre 2004 e 2009, atualmente integra o naipe de trompetes da OSESP. Membro da Orquestra Jovem das Américas entre 2005 e 2007 participou em turnês pela América latina, EUA e Europa. Em 2007 atuou como principal trompetista da “Orquestra Juvenil Simon Bolívar” no festival Villalobos na cidade de Caracas - Venezuela, sendo posteriormente, o primeiro estrangeiro convidado a integrar o “Ensamble de Metales de Venezuela” trabalhando sob a direção do trompetista da Filarmônica de Berlim, Thomas Clamor. Flávio Gabriel é bacharel em Música pela UNIRIO, orientado pelo professor Dr. Nailson Simões. Iniciou seus estudos aos 11 anos de idade na Banda Lyra de Mauá - SP onde foi aluno de Bartolomeu Rosa e Carlos Binder. Posteriormente estudou com Clóvis Beltrami em Campinas - SP.



Rodrigo de CARVALHO

Regente (São Paulo)

Regente convidado permanente da Orquestra Sinfônica MÁV de Budapeste, Rodrigo de Carvalho foi regente associado da Orquestra Sinfônica de Szombathely (Hungria), regente titular da Orques-



tra Sinfônica Municipal de São Paulo e diretor artístico da Orquestra Sinfônica do Conservatório de Tatuí. Dedicado à divulgação de um repertório raramente apresentado, Rodrigo de Carvalho tem sido responsável por inúmeras primeiras audições pelos palcos que tem atuado. Como regente de ópera foi responsável pela aplaudida produção de O Castelo do Barba-Azul, assim como pelas estreias brasileiras de O Urso e Palestra sobre Pássaros Aquáticos, em São Paulo, e de Dido e Enéas em Tatuí.

Selecionado para todos os principais concursos internacionais de regência orquestral, se apresentou para plateias na Itália, França, Alemanha, Espanha, Áustria, Polônia, Dinamarca, Estônia, Finlândia, Estados Unidos, Canadá, México e Chile. Com a OSM gravou um CD com obras de Villa-Lobos para o selo Lua Classic e tem colaborado com artistas populares como Jon Lord e Ute Lemper.

Djalma CORREA

Percussão (Minas Gerais - Bahia)

Começou no cenário da música popular brasileira na Bahia. Fez parte do show "Nós; Por Exemplo", ao lado de Caetano, Gil, Gal, Bethânia e Tom Zé. Nascido em Ouro Preto e formado pela Universidade



Federal da Bahia, Djalma Corrêa viaja pelo mundo tocando, filmando, fotografando, pesquisando e colecionando os instrumentos que fazem dele um dos mais completos percussionistas internacionais. Premiado com o troféu Villa-Lobos pelo disco "Baifro", Djalma é também responsável pela execução do importante Projeto "Phonogram" de pesquisa e documentação do folclore do Brasil. Seu arsenal de instrumentos é impressionante, além dos fabricados por ele mesmo, como o "Dono da Casa", o "Banjilografo". Parte de seu acervo particular de documentação e pesquisa de campo sobre música

e aspectos da cultura brasileira foram utilizados na realização do CD-rom interativo "Brasil Afro Descendente" em parceria com Claude Murray. Tocando e gravando com os mais representativos músicos e intérpretes da MPB, músicos de câmara e jazzistas internacionais, a percussão de Djalma remete às raízes ancestrais sem perder a contemporaneidade na sua incessante procura do som de amanhã.

Darci de ALMEIDA

Soprano (Rio de Janeiro - Paraná)



Cantora formada pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Participou dos cursos de Canto, Canto Lírico, História da Ópera, Voz e Movimento, e Dança Antiga. É membro fundadora do Quarteto Angra e

Canto Colonial, onde realizou concertos no Brasil e exterior. Atuou como solista em concertos e gravações com diversas formações artísticas e em projetos cênicos, atuando no Brasil, Bolívia, Estados Unidos, Alemanha, Dinamarca, Portugal e Itália. Como coordenadora e membro do Conselho do Coro da Camerata e Camerata Antiqua de Curitiba, foi uma das responsáveis pela programação artística destes grupos. Atualmente é assistente da direção artística da Camerata Antiqua de Curitiba.

Fátima CASTILHO

Contralto (Rio de Janeiro - Paraná)

Natural de Angra dos Reis - RJ graduou-se em Superior de Canto na EMBAP. Como solista, atuou em oratórios, concertos sinfônicos, óperas e recitais por todo país, à frente de diversas orquestras. Em 2001, recebeu homenagem da Assembléia Legislativa do Paraná, pelos relevantes serviços prestados à Comunidade Afro-Brasileira e Paranaense. Em 2003, foi vencedora do Concurso Aldo Baldin, de Florianópolis, SC.



Alexandre MOUSQUER

Tenor (Santa Catarina - Paraná)



Estudou Piano, na Pró-arte de Itajaí, e Canto Lírico, com Domingos Moreno e Helder Cadore, em Blumenau. Em 2002, entrou no curso superior de Canto na EMBAP, sob orientação de Denise Sartori. Como solista, atou em concertos de câmara e óperas frente à Orquestra Sinfônica de Santa Catarina, Jaraguá do Sul e Orquestra Sinfônica do Paraná. Desde 2004, é regente do Coral Boa Vista, de Curitiba, atendendo a comunidade e as diversas solicitações do município.

Marcelo DIAS

Baixo (Mato Grosso do Sul - Paraná)



Iniciou seus estudos de canto no ano 2000, em 2003 fez sua estreia como Conde A'Imaviva, numa montagem da ópera Le Nozze di Figaro dirigida por Ricardo Tuttmann. Em 2004 foi um dos solistas do concerto de encerramento do 2º Painele de Reciclagem para Regentes Corais do MS, sua atuação na ocasião lhe rendeu dois anos consecutivos de uma bolsa integral de estudos para participar do Festival Música nas Montanhas na cidade de Poços de Caldas em Minas Gerais. Em 2008 foi o barítono solista convidado para a montagem da cantata Carmina Burana de Carl Orff, em Cuiabá-MT. Em 2009, esteve em turnê pelo estado do Mato Grosso do Sul com a ópera Cavalleria Rusticana, no papel de Alfio, e como solista em recitas do oratório Stabat Mater de Rossini na Cidade de Campo Grande. Em 2010, Marcelo Dias foi finalista do 1º Concurso de Canto Lírico do Rotary Clube de São Paulo e solista do oratório Messiah de Handel em Campo Grande e fez parte do elenco da ópera Le Nozze di Figaro de Wolfgang A. Mozart.

Angela Pinto COELHO

Regente (Minas Gerais)

Uma das raras regentes de orquestra do Brasil tem toda a sua formação ligada à Itália, especialmente Siena – Accademia Chigiana – e Bologna, onde assistiu às classes dos Maestros Sergiu Celibidache e Franco Ferrara. Formada em Regência pela UFMG, nas classes dos Maestros David Machado e Guerra Peixe, muito cedo ingressou como cantora no Coral Ars Nova – UFMG e logo se firmou como Regente Assistente do Maestro Pinto Fonseca. Desde 1972 desenvolve um intenso trabalho voltado para o Canto Coral tendo sido a fundadora e titular de vários coros de Belo Horizonte: "Coral do MAI" (Modern American Institute) "Corpo Coral Estável" da UFMG, "Domus Áurea" Coral da Assefaz-MG e, por dez anos foi a Regente Titular do Coral Lírico do Palácio das Artes. Elaborou o projeto da Escola Estação da Música José Luiz Pinto Coelho, que foi inaugurada em setembro de 2007, em Santa Bárbara - MG. Em Belo Horizonte atualmente é Regente Titular da Orquestra Sinfônica Jovem do Palácio das Artes, da Orquestra de Câmara Carlos Alberto Pinto Fonseca e do Coro de mesmo nome, vinculados ao Instituto Cultural Carlos Alberto Pinto Fonseca - ICAPF.



Madrigal VOCALE

(Paraná)

Fundado em 1982, a partir do Coro da Sociedade Pró-Música de Curitiba, que já existia desde os anos 70, sob a liderança de José Penalva, é regido atualmente por Bruno Spadoni. Propõe-se a cultivar todos os gêneros de música camerística, desde a Idade Média à contemporânea. Tem dado ênfase ao canto a capella, apresentando-se, porém junto a instrumentistas, grupos vocais e orquestrais em diversas capitais e centros culturais do país. Realizou primeiras audições locais de grandes obras do repertório internacional e primeiras audições dos



compositores paranaenses. Em 2006 lançou seu terceiro CD, com obras do espanhol Luís Iruarrizaga, mestre que José Penalva admirava e que é pouquíssimo conhecido fora de sua região no país basco, tratando-se possivelmente do primeiro CD dedicado a este compositor. Em 2008 apresentou-se no Festival de Música de Londrina (julho) e com orquestra sob a regência de Norton Morozovicz, no Concerto Natalino da Universidade Positivo.

Bruno SPADONI

Regente (Goiás - Paraná)

Nasceu em Rio Verde, Goiás, em 1967. Iniciou seus estudos musicais pelo piano, primeiro em sua cidade natal e depois na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, em Curitiba, tendo sido aluno de Leilah Paiva e Henriqueta Duarte. Deixou, entretanto, o curso antes de terminar para se dedicar ao estudo da Medicina, na qual se formou, especializou-se em Clínica Médica e concluiu mestrado pela Universidade Federal do Paraná. É atualmente docente do Estágio em Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Sua formação em regência coral foi no Madrigal Vocale com José Penalva, fundador do grupo. Iniciando em 1987, preparou e regeu parte do repertório do coro até 2002, quando faleceu o mestre. Bruno Spadoni é também cantor lírico, tendo atuado várias vezes como solista com a Camerata Antiqua de Curitiba. É aluno de Neyde Thomas e Rio Novello.

Marconi ARAÚJO

Contratenor (São Paulo)

Somando mais de vinte prêmios nacionais e internacionais como cantor, compositor e Diretor musical; o Maestro e Contratenor Marconi Araújo é graduado em Regência e Composição pela UnB e nos Estados Unidos graduou-se Mestre em performance vocal. Possui um trabalho de pesquisa

voltado à vocalidade do contratenor e sua relação com o castrato barroco. Especializou-se no repertório de Alto Castrato na obra *Handeliana*, e tem feito concertos com orquestras barrocas divulgando este repertório. Seus últimos trabalhos incluem a Missa de Sta. Cecília do Pe. Jose Mauricio Nunes Garcia, o concerto "Il Barroco per Alto" com árias de virtuosismo da Ópera Séria Barroca e o recital "Depois de um Sonho"; todos como contratenor solista dirigidos pelos Maestros Luiz Malheiro e Marcelo de Jesus, em Manaus. Como palestrante passou o ano de 2010 ministrando cursos de técnica vocal avançada e fisiologia do canto com a Dra. Sílvia Pinho na América latina.



Beatriz De LUCA

Regente (São Paulo)

É Bacharel em Música, com habilitação em Composição e Regência, pela UNESP - Universidade Estadual Paulista e em Engenharia Civil, pela Escola Politécnica da USP. Seus principais professores de regência foram Roberto Tibiriçá, Samuel Kerr, Abel Rocha e Jorge Salim. Possui também formação em canto lírico e popular. Atuou em diversos espetáculos de teatro musical no Brasil, Europa e Japão. Como regente, apresentou-se frente a várias orquestras paulistas como a Orquestra Cameramusica Funac de Taubaté, Orquestra de Câmara da UNESP e OSSA - Orquestra Sinfônica de Santo André, da qual foi regente assistente de 2007 a 2008. Em 2009 e 2010 atuou como regente convidada junto à Camerata Antiqua de Curitiba, Paraná, na série "Alimentando com Música". É diretora musical e regente do espetáculo musical de Claudia Raia, "Pernas pro Ar", que excursionou pelas principais capitais do país. É co-autora de "O Regente sem Orquestra", livro didático de regência orquestral, lançado pela Algor Editora em março de 2008.



Endereços

Capela Santa Maria Espaço Cultural

Rua Conselheiro Laurindo, 273, Centro
Telefones 41 3321-2840 / 3321-2842

Paróquia Nossa Senhora Aparecida

Av. Nossa Senhora Aparecida, 1637, Seminário
Telefone 41 3274-3477

Paróquia Pio X

Rua Hermes Fontes, 1073, Batel
Telefone 41 3244-4463

Paróquia Bom Pastor

Rua Victorio Viezzer, 810, Vista Alegre
Telefone 41 3335-5552

REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO



Ministério da
Cultura



APOIO CULTURAL

